

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

Luis Umberto Ferraz Pinheiro
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória

Entrevistado – Luis Umberto Ferraz Pinheiro (KC)

Entrevistadores – Tania Maria Fernandes (TF) e Joel Nolasco (JN)

Data – 08/03/2016

Local – Salvador/BA

Duração – 1h54min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PINHEIRO, Luis Umberto Ferraz. *Luis Umberto Ferraz Pinheiro. Entrevista de história oral concedida ao projeto Saúde Coletiva, Medicina Preventiva e Saúde Pública - História e Memória*, 2016. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 43p.

Projeto: História da Saúde Coletiva no Brasil

Entrevistado: Luiz Umberto Ferraz Pinheiro

Data: 08 de março de 2016

Local: Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia/UFBA

Entrevistadores: Tania Maria Fernandes (coordenadora) e Joel Nolasco (bolsista)

Legendas: trecho inaudível: [?]; pausa: [...]

TF: Entrevista com professor Luiz Umberto Ferraz Pinheiro para o Projeto de Pesquisa, A Saúde Coletiva na Universidade Brasileira no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, desde suas origens no Departamento de Medicina Preventiva da UFBA. Entrevistado por Tania Fernandes e Joel Nolasco para a Casa de Oswaldo Cruz - Instituto de Saúde Coletiva, no dia 08 de março de 2016, em Salvador.

Bem professor, como eu já tinha lhe falado, nós gostaríamos que o senhor começasse a nossa entrevista, falando desde a sua, do seu momento de formatura, como é que o senhor se formou médico, como é que o senhor foi cair nessa área de Saúde Pública, Saúde Coletiva, Medicina Preventiva, essa área que abarca, com vários nomes.

LF: Eu me formei em 1967 aqui pela faculdade de medicina, lá do Terreiro de Jesus a, eu me, a escolha por medicina tem muito a ver com meu pai, como muitas das histórias com rebeldia ou com identidades. Mas, eu fui e entrei pra medicina, num tinha nenhuma visão ainda interna, a não ser o papel que a medicina exercia na época, a presença social, e as poucas opções, que eu tinha, porque eu num [...] eu gostava de arquitetura como planejamento e tal, mas num tinha jeito para desenho nem para elaboração. Aí desenho num é só de fazer desenho bonito não, usar aquilo como artefato, uma produção, uma imaginação. Então, eu fiquei na dúvida entre arquitetura e medicina, acabei optando pela medicina. E na medicina eu fui descobrindo no terceiro ano, eu já me encantei, antes de ver, pela psiquiatria. Aí tem muito a ver é com uma relação com as pessoas da universidade que eu também comecei nesse período político- estudantil, então as pessoas da medicina, que eu reputava, mais abertos, mais inteligentes, mais inteligentes que dizer de bagagem cultural melhor dizendo, e que tinham uma reflexão crítica sobre as coisas e tal, falavam alguma coisa por fora, que não eram apenas os objetos típicos da medicina. E aí, eu fui encantando, me aproximando desse campo, fui ver uma discussão, vi um terreno mais aberto e sem muito formalismo, eu acabei entrando para uma seara que era de mistérios da mente, de começar a pensar nisso e tal e assumir a fazer psiquiatria desde

o 3º ano de medicina, que era por ano, naquela época. Eu desde o 3º ano já comecei a acompanhar todos os processos da psiquiatria, que já era do 5º, já era do 6º, fazia meu curso, como eu sempre fiz direito, é [...] e me preparei apenas para ter um exercício macro, e uma experiência da medicina, porque era necessário até para a psiquiatria, mas eu já me dedicava, já começava a ler sozinho, já lia Freud, que muitos professores já não liam, já iam buscar ali um coisa, ouvia alguém falar, e aí eu fui andando, fui dedicado, dedicando, dos [...] formei, já com a presença nítida que eu queria trabalhar na universidade. Aí já tinha claramente, eu nunca me encantei pela medicina privada, da qual sou radicalmente contra. E nunca me encantei, e aí fiquei, e fiz uma residência aqui, até que para inaugurar a residência, porque era o pessoal, o professor, o catedrático na época, era o professor catedrático, o Rubim de Pinho, era um homem de talento, pensava, um homem quem teve uma passagem pela esquerda por muito tempo, um homem que gostava da antropologia, tinha uma cabeça, inteligente, tinha uma formação cultural, e de conhecimento bom. Então ele tinha um papel muito grande, aberto e tal. E aí na época ele foi incentivando certos alunos, que ele reputava, eu fui um deles e tinha um outro, comigo eram 2 alunos, para gente fazer psiquiatria, que ele estava estimulando para gente fazer carreira e tal, universitária. E aí ficou essa [?] e eu resolvi fazer essa coisa da residência que era, estava sendo fundada, eu já entrei nas reuniões para criar a residência, eu já era parte da formulação, e ao mesmo tempo ia ingressar. Que era um critério que ele abriu, apenas para dizer que as pessoas que fizessem do departamento teriam prioridade para a indicação quando surgisse vaga. E aí, passei, lógico, logo depois de um ano depois, surgiu aquela briga das é [...] como chama? Tem um movimento que teve na época muito forte, olha tinha um nomezinho [...] tinha umas vagas excedentes, os excedentes!

JN: Excedentes.

LF: E aí eu, [Ronaldo] Jacobina inclusive nasceu na luta, nesse período. [risos] Eu já estava lá, entrando, na [...] para professor, aí foram contratados professores.

TF: Aí você já tinha se formado?

LF: Já tinha me formado, aí já tinha feito a residência e entrei para bolsa do MEC, era uma bolsa. Eu sei disso que na hora de aposentar eu fui verificar meus descontos, tinha uma folha de papel pautada, aquela de 4, se lembra? Do primário, se usava muito, ginásio. Era a folha que a gente assinava, [risos] de presença, de cumprimento, de horário

e do mês, de recebimento, um negócio louco [risos] mas aí, eu entrei, fiquei esperando até abrir o concurso que demorou muito. E aí eu passei no concurso, e aí eu fui fazendo, fiz um outro concurso que antigamente você tinha para professor auxiliar, mas você tinha que fazer um concurso para passar para assistente, e aí eu fui fazendo, fiquei. Em 73, eu já tomei o rumo crítico, enquanto a psiquiatria, que eu já detestava o hospital psiquiátrico, tinha uma crítica forte. E aí eu fui para Londres, para fazer Psiquiatria Social, e aí que começa uma aproximação com o resto. E lá é um curso que foi organizado, inclusive, pela Organização Mundial da Saúde, com o Instituto de Psiquiatria e London School of Hygiene & Tropical Medicine, que tinha a parte de estatística, epidemiologia e tal, e a parte mais da psiquiatria social, especificamente falando, entraria pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres. Então eu fiz o curso lá e voltei, aqui já consegui, dedicar nesse tempo, saiu a minha dedicação exclusiva que eu lutava. Algum tempo eu fiquei na prática, fazendo algum bico aqui, mas sem nenhum andamento. E nem tão pouco eu fiz, prática privada, a não ser 2, 3 meses que um psicanalista, que nós criamos um grupo aqui psicanalítico, que num tinha psicanalista na Bahia, para abrir a discussão e aglutinar as pessoas e propor em algum momento, uma estratégia melhor pra fazer a formação, não precisar ir embora para fazer a formação e fazer na Bahia.

TF: Mas nesse período o senhor também trabalhou na SESAB e na IAPSEB?

LF: É, IAPSEB.

TF: IAPSEB.

LF: Ah, IAPSEB, nesse período, enquanto não veio a dedicação exclusiva, até 80, 70, 76 [...] é 73 eu fui para Londres então, 72, 71 eu trabalhei no IAPSEB, que é o Instituto Aposentaria das Pessoas Servidores Estaduais [...] e aí, eu fiz lá uma experiência e trabalhei na SESAB, aí já eram os meus desafios de vida. Que eu fui trabalhar em um centro de saúde, eu acho que eu devo ter sido o primeiro ou o segundo, não sei, da história psiquiátrica no Centro de Saúde, no Centro de Saúde Geral. E eu fui para Liberdade, que era um bairro popular na época, hoje já cresceu, vários outros, mas era o chamado bairro popular da Bahia. Eu tive a curiosidade de trabalhar dentro do centro de saúde, porque eu já discutia essa coisa da saúde mental dentro da saúde geral que se chamava na época. E nesse período então, eu tive essa experiência lá de trabalho e já condenava a internação. Eu fazia já, atendimento da família e questionava, isso significa 70 e 71,72, por aí. 73 no máximo, 73 eu já fui embora, 71, 72. E aí, eu tinha já essa marca de enfrentar a internação psiquiátrica.

Eu caminhei então lá, ninguém tinha, era um sótão o programa que era, a cara dos programas de saúde mental da época, uns móveis tudo bonito, lindíssimos, umas mesas ótimas no sótão!

[risos]

LF: Mas vê, vê o mobiliário, mas num tinha articulação com nada, num tinha um programa, num tinha nada. A secretaria de saúde daqui, também pouco existia, e aí eu cheguei lá, o diretor me mandou sentar, eu sentei, num via paciente, um dia, dois dias, num tinha ninguém, num tinha nada. Aí eu subi, falei com o diretor que eu queria é [...] que eu fizesse um bom trabalho, que era necessário porque os doentes estavam aí, as pessoas estavam necessitando, que tinha um mundo de coisas para fazer porque era um bairro populoso e era um dos mais populosos da Bahia, de Salvador, eu disse: tem o que fazer, então vamos lá. E ele me disse, mas o que o Senhor quer? Primeiro eu quero reunir com todos os médicos, se possível, eu explicar o meu papel aqui, no que eu posso ajudá-los nesse trabalho deles, e também para os doentes, principalmente. Aí, pronto, aí comecei a ser rotulado de louco, psiquiatra e louco. Aí fazia a coisa com alguma materialidade na cabeça deles, lógico. E eu fui, fiz a explanação indiquei pelos indicados, sugeri os casos todos de doença psicossomática ou não tal, aquelas coisas estilo da época. E aí eu passei a atender doente e comecei a fazer como grande experiência minha com a coisa de evitar internação. Na época, como em todo o Brasil, a internação era um passo do pedido da família. O pedido da família era a prescrição do coisa. Tinha o asilo, Juliano Moreira, que tinha uns 4, 5 mil doentes, um velho asilo mesmo, e tinham os hospitais privados que tinham convênio com o INAMPS. Então que nós chamávamos de indústria da loucura, mais tarde íamos denominar indústria da loucura. E aí, esse era o processo. Eu comecei o processo de não internar. Primeiro eu tive a, como professor, no mesmo tempo, era professor já, tive 12 horas só, eu só tinha horário para 12 horas. Aí eu vinha, eu me recusei a dar aula dentro do asilo. Eu reunia fora do asilo, que eu dizia que o asilo tinha que ser destruído. Então eu não ia conciliar, bastava eles dar uma visão, e dentro mesmo do pátio, via as coisas e dizia: agora nós vamos discutir sobre esse prédio, sobre o que fazem aqui, o que não é tal. E aí já era o início da Psiquiatria Social. E aí eu fui fazendo com isso, e lá no quarto centro, eu fazia esse trabalho de conversar com as pessoas, e as pessoas não me acreditavam. Eles diziam não, esse médico está querendo defender o Estado, para não gastar dinheiro. [risos] E eu dizia, eu parei, explicava e num

adiantava até que eu fiz um contrato, o contrato com a pessoa que ficou marcado para mim, foi que eu disse o seguinte: vamos fazer o seguinte, a senhora deixe seu filho. Eu vou atender ele e a senhora, todo dia. Comecei a demonstrar que se o serviço tem interesse em curá-lo, não apenas era um mecanismo, como na clínica, na cirurgia que 'nêgo' não interna, mesmo precisando, que num tem vaga, num tem aquilo e tal. E eu disse: vaga tem. Mas não adiantava explicar, aí eu disse: vamos fazer esse contrato? Vamos passar aqui, todo dia senhora vem de segunda a sexta, eu estarei aqui, nesse horário, a senhora vem, entra, eu atendo ele primeiro, converso com ele, depois eu atendo a senhora, 15, 20 minutos a gente conversa, discute tudo o que está se passando e tal. O dia que a senhora não aguentar, nem e eu também, do meu lado, não aguentar, eu interno. Se a senhora não aguentar, me coloca, que a gente interna. E aí, fazia os trabalhos, o que deu algum resultado. E aí, logicamente, a família passava para outro, passava pra outro tal, e fazia o atendimento diário dos dois separados e juntos. Aí eu comecei a ter essa busca, de algumas soluções. E aí fui, me encantando com isso, me ensinava fui, com o tempo saiu a bolsa para ir para Londres, passei lá dois anos e aí, voltei. Quando volto, aí já estava com a dedicação exclusiva, e já tinha deixado o serviço. O IAPSEB não, a experiência do IAPSEB foi uma experiência em cima da questão da psicoterapia. Eu gostava muito da psicanálise também, lia e tal, mas não tinha que. Eu fui um líder de criar um grupo de psicanálise para estudo, trouxemos psicanalistas para seminário, antes de viajar para Londres. E a gente fazia vários seminários vinha supervisão de caso, porque tinha caso aí, que eu falo do atendimento privado, é que o psicanalista [risos] me obrigou, ah mas seus casos do serviço público, eu atendia no serviço público. Eu atendi no hospital das clínicas, psicoterapia. Atendia no hospital [risos] lá no SESAB psicoterapia, e no IAPSEB eu comecei fazer, que eles eram obrigados a atender 12 ou 10 ou 12, pelas 3 horas, 3 horas você atendia no ambulatório e atendia no hospital o caso que era encaminhado de urgência, qualquer coisa. E aí eu cheguei, era obrigado e tudo. E criei uma psicoterapia, breve, e já tinha lido isso, a curto tempo de um espaço de sessão. Aí eu comecei a ler sobre essas coisas e tal, e comecei a atender 20 minutos, que era o tempo que eu dividia para os pacientes. O de primeira era 30 e o de segunda, que eu era obrigado a atender. E aí, eu comecei a fazer psicoterapia 20 minutos, que foi também outro grande problema. Que aí tinha a questão do horário, que tinha a questão de tudo, e eu sou também muito exigente no trabalho. E aí eu tive que ensinar a moça a fazer, e tal, e tal, e tal. Resolveu, porque um dia eu me quietei, quer dizer assim, primeiro foi antes,

que eu fui chamado também de louco, porque eu me quietei porque eu chegava lá 3, 4 horas, era de 4 às 7, o meu horário de trabalho no IAPSEB, que era aqui na Vitória até de central. Mas os paciente quando eu chegava lá, eu via a sala já lotada e eu perguntei: mas estão chegando que horas, me dizia 13 horas, eles chegam, almoçam e vem logo correndo. Que naquele tempo não tinha engarrafamento, num tinha tráfego e tal, tudo era mais perto e aí eles vinham de ônibus ou de carro alguém e tal. Para pegar primeiro, por ordem de chegada era instituído. Aí eu cheguei um dia e chamei eles e disse: olha, vamos fazer uma experiência ao contrário. Vamos marcar as horas, 20 minutos, 15 minutos, mas doutor vai criar confusão. Não cria não. Se eu cumprir a minha parte, eles vão também cumprir a deles, e para eles é bem melhor, inclusive. Então 4 horas eu estarei aqui [risos] nós começamos a atender, a dividir que eram 3 novos e um tanto que eu não me lembro a proporção, eu disse: pronto, esses são meia hora, você pegue já o caderno, fica tal, tal primeiro, tal primeiro e segundo. E aí o que eu fui fazendo, fui botando a psicoterapia na 20 minutos. E aí comecei a atender as pessoas, e daí começou a encher a sala, óbvio, [?] a procura aumentou, eu disse, não, não, vai botando o tempo que der, eu não vou acabar com o trabalho. Aí ele disse para mim: pela primeira vez ele chegou e colocou: poxa, o senhor tinha razão mesmo. Você vê a diferença, ninguém tolera chegar 1 para sair às 5.

TF: Lógico.

LF: Esperando um médico, ninguém tolera. Aí ela aprendeu e tal, espalhou isso e começou a onda. E também era visita ao hospital, que era outra desgraça também que eu fui, começando a viver, a desgraça é que era os médicos do IAPSEB ganhavam bem, a maioria que era da universidade, que não estava ainda com dedicação exclusiva, pagava melhor, é um serviço mais qualificado, pegava pessoal muito, tinha muito os filhos de deputados e esposas, inclusive eram muito atendidos no IAPSEB, quer dizer, ‘nêgo’ abria seus terrenos quem queria fazer clínica fora, eu sei que havia uma busca, para buscar para [?] o IAPSEB, na Vitória, pertinho, os professores aqui, do Canela para Vitória é um pulo, dá até para ir andando, inclusive, do meio da Vitória inclusive dá até para ir andando. E aí eu sei que, foi lá uma disputa dos médicos e tal, e eu vendo todos eles lá, na época. E aí, quando descobriram que foi o primeiro passo, que foi a hora marcada, a hora marcada criou um rebu, aí chamaram novamente de louco. Aí eu fui vendo essas ligações lá atrás, o negócio da internação, o negócio de discutir com os médicos, para que o doente que tenha necessidade não vá embora por um desconhecimento, não seja

atendido e já começava a discussão sobre o direito do paciente a um atendimento decente, mais ainda pelo respeito até do contrato, do atendimento. E aí foi indo, foi indo, aí pronto, passei a ser também maluco lá, porque estava fazendo isso. E aí comecei a psicoterapia com horário marcado, eu comecei a fazer a psicoterapia para não ficar dando remédio, já tinha crítica à medicação muito excessiva e fiquei com isso. Aí criei, fora, um grupo de estudos psicanalistas com outras pessoas que já estavam fazendo psicoterapia em consultório e tal, mas não ainda psicanálise que não tinha na Bahia, e fomos trazendo, trazendo e fizemos um movimento de estudos e tal, foi quando eu fui para Londres que isso estava. Quando eu voltei de Londres no caminho, foi quando no caminho já chegando perto, eu recebo a notícia que tinha, que já tinha pedido desde antes a dedicação exclusiva, então eu cheguei [...]

TF: Com a dedicação exclusiva você passa a ser professor de fato, ou já era professor?

LF: Não, já era professor, mas com dedicação exclusiva, eu tinha 12 horas de trabalho [...]

TF: Mas já como professor?

LF: Já como professor que era 12, 20, 40, e 40 mais dedicação exclusiva.

TF: Do Departamento de Psiquiatria?

LF: Psiquiatria, eu entrei pelo Departamento de Psiquiatria, e aí pronto, foi isso. Passou-se esse período, então eu já vim vendo as coisas então eu já fui buscando uma outra alternativa de como cuidar disso, de ver. Esse tempo também, eu tenho uma origem, muito ligada a política. Eu, eu era, fui militante desde estudante do Partido Comunista Brasileiro até 80, 81 eu fiquei no PCB, e tinha um trabalho de leitura, sou marxista, me considero marxista até hoje, mas o fato quer dizer, não é um marxista completo, ninguém vai ser, mas estou dizendo, as minhas referências maiores são marxista, e fiz, comecei a imaginar coisas, a ver coisas e pensar nessas relações entre psiquiatria, tratamento, sociedade e tal, entrei por esse viés. E aí comecei a ler essas coisas, discutir e tal. E aí, meu interesse, quando eu fui para Londres já fui nesse curso, quando eu voltei de Londres já tinham um, um arsenal mínimo, metodológico de algumas coisas, já tinha uma coisa, apesar de que eu achei, não gostei muito desse negócio de Londres, nós tínhamos um debate mais crítico aqui no Brasil, na América do Sul, do que lá, eles são muitos pragmáticos. Tanto que eu pedi lá uma orientação e o pessoal me disse: procure fulano de tal, lá no Brasil, que era o professor Guilherme [Rodrigues]. [risos] Alguém

conheceu lá, era um argentino que trabalhou, psiquiatra, ensinava lá, no Instituto de Psiquiatria, e conversando com ele, eu disse rapaz, mas eu queria alguém, que tivesse um discurso mais amplo sobre esse debate da psiquiatria relacionado ao cuidado psiquiátrico, às instituições relacionadas a esse cenário e tal. Aí ele me deu a indicação de Guilherme [risos] que era uma pessoa que eu conhecia, prezava e que era baiano, convivi com ele muito. Aí, eu cheguei, vi [risos] com as coisas, que olha, eu vou deixar de Londres, aí fiz, chamei alguns alunos que eu tinha e disse assim: vocês querem fazer uma tese, eu transmito tudo que eu aprendi em Londres e as coisas que eu busquei por mim próprio e vi, e tal e tal, eu tenho aqui. Eu vou fazer minha vida e deixo para vocês, essa bagagem, que foram duas pessoas que estão lá no ISC, que é Vilma Santana e Naomar [Almeida Filho], que foi meu aluno. Mas quando eu voltei, quando eu voltei de Londres, eu pulei aí, eu abri a primeira experiência de fazer o trabalho de psiquiatria, fora do hospital, e fora do mundo da institucionalização psiquiátrica. Entrando institucionalização no sentido da internação, ainda. E [...] e [...] era num bairro do IAPI, então a secretaria de saúde tinha construído, num tinha posto para funcionar, eu sugeri à pessoa que foi secretário escolhido, ele estudou em Londres, no mesmo tempo que eu estava lá, já éramos conhecidos. E ele, fiz o mesmo colégio, a base de estatística, de epidemiologia geral, essas coisas, nós fizemos no mesmo curso, ele apenas tinha um tempo a mais do que eu. Mas eu, eu passei lá com ele, fizemos uma amizade enorme, ninguém conhecia inglês e nem inglês queria conhecer a gente, então a gente vivia entre a gente mesmo. E só sei que nós fizemos essa amizade, e eu só sei que ele foi convidado para ser secretário de saúde aqui. Na então já década de 70 e [...]

TF: E qual o nome dele?

LF: Ubaldo Dantas, Ubaldo Dantas participou também de movimento lá atrás. Aí, Ubaldo Dantas, era ligado a Roberto Santos, foi governador. Foi o Ministro da Saúde, inclusive. E Roberto sempre foi governador aqui, o filho de Edgar Santos. Então, nós [...]é, eu cheguei, quando eu voltei logo, eu abri essa experiência. Que é lá no que chamava Mário Leal. Uma experiência que na época se chamava Psiquiatria Comunitária. Mas era para o bairro todo da Liberdade, e pegava os bairros menores ali, o IAPI, algumas coisas ali de junto, quer dizer, era um projeto, pegar ali. Conseguimos fazer um acordo, nós tínhamos uma autonomia técnica, na universidade. Eles cuidavam de pagar o pessoal, cuidavam de tudo, as partes de coisas de pagamento, tudo isso era um

problema da administração, mas nós ficaríamos, a universidade ficaria supervisionando tudo [?] e formulando junto com aquelas pessoas. Aí pronto, houve uma atração, é porque eu tinha um papel muito de liderança numa certa época, hoje eu não sei se eu tenho mais, mas era um papel muito forte, então atraiu muita gente querendo ir pra lá. E nessa ida pra lá, eu abri então o primeiro concurso, que não tinha no Estado, mas uma seleção que num tinha máquina para isso, aí fizemos uma seleção aí pessoal melhor, mais qualificado, inclusive estava buscando vãos maiores, foram para lá, que acabaram todos inclusive sendo professores de psiquiatria mais tarde. Já estavam fazendo mestrado em psiquiatria, que abriu o mestrado e tal. E aí, com essa passagem, eu, nós lá vivemos uma experiência concreta. Aí depois começou a ser folclorizada, o jornal da Bahia e do Brasil já botou: na Bahia psiquiatria mistura com candomblé, quer dizer, coisa louca, mas aí é o Folclore, que nós fomos dialogar com candomblé, com centro espírita, com tudo que tinha na região começamos a discutir porque eles cuidavam. Querendo ou não eles tinham um cuidado, até muito forte, que eles sabiam discernir, quando a coisa não era para eles, e aí, nós fomos lá discutir e tal, fizemos discussão começamos a atrair e abrir, contra a internação, sempre. E aí, começamos a discutir isso, a fazer psicoterapia em criança, e começar a botar a psicoterapia no serviço público, que num tinha na Bahia. Que eu comecei lá trás no IAPSEB, antes de viajar para Londres, e aí e aqui no Hospital das Clínicas. E aí, começou essa onda e tal, eu fui passando. Com menos de um ano [risos] o INAMPS com sua crise na época, que sempre de vez em quando vinha crise do INAMPS. E aí o INAMPS começou a querer economizar nas internações psiquiátricas e aquela coisa toda. E o primeiro convênio que fez com o Estado pra dar dinheiro a Secretaria de Saúde do Estado era receber do Mário Leal os doentes para tentar evitar a internação. E qual era o problema? [risos] Os postos do INAMPS estavam destruídos em toda a cidade. Os médicos lá já estavam saturados, muitos não tinham nem muita experiência disso, era médico clínico que se adaptou para atender psiquiatria. E aí se mandavam assim, cami [...] micro-ônibus, sei lá o que tinha na época, de doentes para ser atendido no dia como emergência. E aí eu fui, eu reclamei, mas o Estado não quis, porque estava recebendo dinheiro do INAMPS, aí eu fui embora, lógico [...] aí eu rompi, e aí anunciei que num tinha nada mais a fazer, eu cancelei o convênio, porque agora nós não vamos ser supositório do INAMPS, que todo mundo que eles não queriam jogavam foram. O depósito, para jogar para lá, e acabou o projeto, que o projeto tinha toda uma coisa, que não durou um ano. E aí, foram essas experiências foram andando. Quando eu

cheguei, o pessoal me procurou, na época, para fundar, na época, refundar a Associação Psiquiátrica da Bahia, aí que vai ter interesse já com o tema. O processo aí entra o que? O que eu relutei, que eu nunca gostei muito de cargo e acabei assumindo tantos cargos na vida, parece uma hipocrisia, mas num é não. Aí, o [risos] presidente eterno, era o professor catedrático Rubim de Pinho, dileto amigo, ele várias vezes queria que eu trabalhasse no consultório dele eu nunca, topei. Ele queria que eu fosse, trabalhasse de tarde com os doentes, e trabalhasse de manhã eu e ele dividindo meio a meio tudo, eu não quis. Eu não queria mesmo. Aí, foi aberto, conversou, insistiu, a juventude, eu peguei e aceitei, entrar na sessão psiquiátrica, fui presidente. E aí, que começa o movimento de debate público. Quem abre mesmo esse, começa a abrir pela Associação Psiquiátrica da Bahia. E era interessante, porque as pessoas confundiam. Achava, eles achavam que eu representava os médicos da Bahia. Eu dizia, não a Associação Psiquiátrica, é só com psiquiatra, são 100 na Bahia, são 100 psiquiatras que é da Bahia. E aí foi o trabalho, começamos a participar dos movimentos sociais, um trabalho conjunto que era até ligado ao PC do B, eu sempre fui aberto para qualquer terreno da esquerda, minimamente responsável ou correto dentro de suas coisas, eu sempre convivi com todos eles, sem essa rixa como tinha PCB e PC do B na época, era demais. E, eu fui me apresentar e todo mundo dizia: vamos fazer um manifesto e você assina pelos médicos. Eu digo: não. Eu assino pelos psiquiatras [risos] 100 psiquiatras. Eles caíram de cacho, pensando que era a estrutura médica toda da Bahia. Eu digo, a Associação é Psiquiátrica da Bahia. E aí nós começamos a fazer um debate, um debate mais público, e [...]

TF: A associação já existia?

LF: Já existia, antiga, já estava 10 anos sem ter eleição e tal, mas os jovens queriam, se formaram, muitos deles trabalharam comigo lá no Mario Leal, na experiência lá comunitária. E aí, eles, eu, então fiz, fui 2 anos, era 1 ano, renovaram e tal e a Associação Psiquiátrica começou a abrir o debate sobre coisas da saúde geral, sobre coisas específicas da saúde mental, sobre principalmente a luta contra a hospitalização.

TF: Luta antimanicomial.

LF: Os hospitais psiquiátricos, tanto o velho asilos como os novos asilos que nós chamávamos, que eram os hospitais psiquiátricos públicos ou privados, aqui uns 3, eram 3, 4 hospitais psiquiátricos. E aí eu fiz, nós fizemos, começamos a abrir o debate público. Aí tivemos, tem [...] eu trouxe até uma revista, você vê, numa época que não tinha

propaganda farmacêutica, uma das primeiras do CEBES, num tinha propaganda e na área médica, pior ainda, é a revista, essa é de 77. Essa revista, se ele abrir aqui tem, aqui é um artigo meu, Jairnilson Paim que ele namorava a psiquiatria um pouco ainda na época e Vilma Santana, aí tinha Sérgio Arouca que vocês conhecem muito bem. Sérgio Arouca discutia medicina preventiva e sociedade, os temas variavam dentro da coisa psiquiátrica. Isso é uma coisa interessante, porque nós fomos ver desde a mercantilização da medicina ou medicina de mercado, aí Jairnilson [Paim] trabalhando com aquele, como é que é o nome dele meu Deus? O americano que fazia ô,ô [...] me esqueço o nome dele, já estou longe disso há anos. Vão me desculpando aí.

TF: Não, por favor.

LF: Ah não, Vicente Navarro, está aqui embaixo o trabalho dele “A industrialização do fetichismo ou o fetichismo da industrialização: uma crítica a Ivan Illich. Era uma discussão geral que batia na medicina. Então, o outro é a ideologia da loucura, indústria psiquiátrica e tal, psicanálise e política. Aí começamos a colocar temas, aí começa um grande debate, essa revistinha de 100 psiquiatras [risos] sem propaganda, sem nada. Ou seja, vocês imaginam, isso tinha, foi começar a ser distribuído no Brasil. Lógico, num tinha aparato, isso num tinha aparato, nós não tínhamos nenhuma estrutura [risos] a sede era uma sala dentro de um associação médica, então nós começamos a abrir aí, uma discussão. E foi andando, e fui inclusive, logicamente, começando a conviver com muita gente, da linha geral. E da minha cabeça então, passava o que? Já existia, já estava existindo no que 75, 76 o movimento já estava nascendo o debate, é [...] nós trouxemos o Arouca, inclusive, para fazer debate aqui, Cecília Donnangelo, é... Madel [Luz]. Como é o nome do outro? Aquele que fez “A História da Loucura”, “A História da Psiquiatria no Brasil”, Roberto [Machado] num é? Roberto [...] era [...] Roberto, como é que era o nome dele meu Deus? Ele veio [...]

TF: Do MS?

LF: Ele veio fazer debate, Gentile de Mello, mas Gentile era o debate sobre o INAMPS.

TF: É.

LF: Que Gentile tinha uma crítica muito forte. E aí eu fui saindo, [risos] eu que fui partindo da psiquiatria, eu fui saindo da psiquiatria

TF: Mas porque que o senhor saiu?

LF: Não! O mundo era outro.

TF: Ah, tá.

LF: Que eu achava que a psiquiatria era uma parte, segundo num tinha muita gente aqui, certo. E eu sempre trabalhei com coisas muito gerais, certo. Quer dizer, fazendo articulação dessas peças de estrutura de coisas e tal. E aí, daí a minha formação de leitura anterior, de estudante, de política, de marxismo e tal. E aí, eu pegava aquela coisa e comecei a trabalhar com ela, essas coisas e fazer o debate. O debate passou a ser um acontecimento, primeiro os debatedores eram filósofos que aqui tem um muito bom, Ubirajara Rebouças e Romélio Aquino, não sei você conheceu, o Romélio?

TF: Não, o Romélio [Aquino], não.

JN: Romélio [Aquino] a gente está tentando marcar uma entrevista.

LF: Com ele? [risos] Romélio [Aquino] é difícil sair da caverna.

JN: É a gente já percebeu

[risos]

TF: A gente está tentando ir a caverna, a gente está tentando ir a caverna.

LF: É, mas ele é brilhante, é um filósofo autodidata, num fez curso nenhum, era uma figura, foi amigo, eu recebia em casa. Gianotti, [33:14], tinha um outro famoso antes de Gianotti faz muito tempo atrás, era [...] oh meu Deus [...] me esqueci, mas vou lembrar aí. Ele tinha um diálogo muito grande, mas tinha medo de avião. [risos] A primeira vez que ele viajou, ele viajou com eu, ele e Ubirajara Rebouças, que era outro filósofo que teve formação na França e, Ubirajara e nós fomos para o Congresso de Professores e tal, e fomos representando o movimento aqui dos professores. Daí ele, só aceitou viajar porque eu estava junto e era psiquiatra. Mentira, mas é porque sempre ele tinha muito problema, dele com o filho e tudo, e ele sempre vinha recorrer a mim mesmo porque eu não clinicava mais. Mas aí, esse processo foi envolvendo um outro mundo, certo? A partir da prática psiquiátrica. E aí eu fui discutindo, quando bate o meu encontro com a Rockefeller, e que aí é o momento grande da flexão, esse aí é o momento de ruptura. Por que que aconteceu esse encontro meu com a Rockefeller? Eu, quando voltei de Londres, o

professor Rubim de Pinho, disse pô, eu estou dando um curso aí de saúde mental, mas você [risos] é que tem o saber sobre saúde mental, não sou eu. Eu pego antropologia, eu pego a coisa geral, eu vou continuar com a cadeira, para não ter problema com você e, você assume as aulas. Eu disse: tudo bem. Vai ser meu assistente, tudo bem. Aí passei a dar as aulas no Mestrado de Saúde Comunitária, e dar aulas. E comecei a entender aquele jogo, que era um jogo de comando absoluto da Fundação Rockefeller. O diretor da fundação daqui, diz ele que era Ph.D., que todo mundo se ufana, como dizem, com um idiota absoluto, ele era Ph.D. e tal, e chegou aqui e montou uma estrutura que eles já tinham feito em Cali, lá em Cali na Colômbia, daquela coisa simplificada do atendimento, e aqui a paixão dele era botar os pés no chão, era botar os pés na terra e tal. Era você ir a uma pequena comunidadezinha atender, fazer o trabalho, estilo o que os americanos faziam na ideologia mais ampla para os pobres da América Latina, ele queria fazer [risos] aqui em Camaçari. Ia visitar as casas, as favelas para as pessoas conhecerem. Uma coisa, não se discutia nada. E aí, eu não me dei, até porque chegou o momento que criou o impasse [risos] porque eu não fiz mestrado, eu num tinha. Eu não fui para Londres fazer mestrado, também não tinha em Psiquiatria Social. Londres só tinha mestrado em psiquiatria, eu tinha que fazer toda a etapa até a tese ser feita em Psiquiatria Social. Aí eu digo, eu não tenho saco nem paciência para isso. Aí eu digo: pô, eu já estou fazendo tudo o que eu quero, já tenho uma experiência, já tive em Londres, já passei lá 2 anos, e eu estou querendo mais, mas querendo outras coisas que num vai está no mestrado, não estava no mestrado. E aí eu comecei a me questionar, e dizer o que, fui para lá, e comecei essa aproximação com a preventiva porque nos dávamos todos, Jairnilson [Paim], Sebastião [Loureiro], os mais velhos. Vilma trabalhou comigo, Naomar [Almeida Filho] trabalhou comigo e que é o pessoal que entrou, [Ronaldo] Jacobina foi também no curso, e eu puxei muito desse pessoal para psiquiatria. Vilma era psiquiatra também, no início estava fazendo para ser psiquiatra. Todos passaram para chamada hoje de Saúde Coletiva, antes Medicina Social e tal. E aí nós, comecei a juntar com esse pessoal e tal e nós começamos a discutir. E aí, lá dentro, eu comecei, Naomar [Almeida Filho] e Vilma era, e eu passei a ser aluno do mestrado. Porque veio, diz que surgiu a lei que há mais de 10 anos fazia concurso de professor auxiliar para assistente, e o que que aconteceria na federal? Eu seria obrigado a retirar, se não tivesse mestrado.

TF: Entendi.

LF: Aí o professor me avisa e tal, eu disse: professor, eu não vou fazer um negócio desse, porque eu não quero, aonde é que eu vou fazer? Eu tô com a vida aqui, em movimento, porque era uma vida muito intensiva, eu tinha de movimento, de coisas que eu tinha um prazer enorme em fazer, que eu gosto de fazer, bulir com as coisas, com gente, movimentar e tal. Eu disse: porque que eu com essas coisas aqui, eu vou daqui a 2 meses fazer uma coisa acadêmica? O Mestrado só tem nos Estados Unidos, e nos Estados Unidos eu num queria [...] eu tenho meus grilos com Estados Unidos, não quero nem conhecer. Mas eu disse: eu vou para Londres, mas isso é muito simbólico. Não estou fazendo por um radicalismo idiota não. Mas tem uma coisa aí de verdade, essa opção minha. Aí é [...] eu disse assim: vou lá para coisa, não vou passar lá dois anos fazendo isso mas tal e tal. Aí eu disse vou, eu num estou dando conta do campo que eu abri, esse campo que estou abrindo na psiquiatria, essa jurisdição, essa passagem, é o mundo para mim. Então, nesse próprio aspecto, quando cheguei lá, já estava ensinando eu fui conhecendo a Rockefeller, um lugarzinho pequeno, quem era a diretora, a diretora chamava, chefe, num sei. A diretora do mestrado, mulher do diretor [...]

TF: Da Rockefeller?

LF: Da Rockefeller. E aí, a cena era impressionante. Aí eu comecei, Vilma Santana e Naomar participavam de um programa de pesquisa, que eu tinha, pertinho, que era num prédio ali, antigo de madeirite, madeira assim e tal. E eu arranjei uma salinha lá, tinha vaga, junto de mestrado. E aí chamei Jairnilson, ficamos eu e Jairnilson nesse grupo de pesquisa em saúde mental. Jairnilson não vinha pra cá, apenas era um terreno que se abria, e a gente tinha um diálogo muito bom, e aí nós pegamos, Naomar fizeram lá a tese, e iam fazer comigo, que eu tinha a formação em Psiquiatria Epistemológica também. Então eles queriam fazer em epidemiologia um levantamento, no Nordeste de Amaralina que é muito grande, um bairro ali entre Rio Vermelho e Pituba. Conhece aqui, mais ou menos? É um bairro que é habitado, é muito grande. Então a ideia era o que? Eles fariam uma tese deles, e eu orientava toda a metodologia, que eu aprendi, discuti, que eu li, que debati com o pessoal de lá e tal. Vamos aplicar uma metodologia aqui diferente da, para essa pesquisa. Vocês assumam e continuem o trabalho que eu não vou fazer mais, que eu não fui lá pra isso. É mesmo, que eu estava mais interessado no campo que era mais a Psiquiatria Social do que na Epidemiológica. E aí, quando chegou o aspecto, aí começaram a criar-se problemas. Ele começou a me pegar com um viés, meio crítico. Comecei a espalhar a crítica, tinha reunião, para gente como fazer pra retirar a Rockefeller. A primeira coisa que ocorreu uma denúncia que eu recebi desse homem, já no

meio do caminho para o final quando eles antes de ir embora, ele foi ao Reitor, ah sim, eu me esqueci de dizer, a sala dele, do programa da Rockefeller, era ao lado da sala do Reitor. Você que coisa brutal. Eu nunca me conformei com isso e aí, ele foi, e comecei a fazer uma crítica séria a presença da Rockefeller. E aí começou, debate, debate, debate daquilo, aí começamos a ouvir a estratégia, aí já com alguns da preventiva, que era a preventiva na época, e começamos a discutir, para tirar, quebrar, essa, essa junção, que era a junção carnal mesmo, ali de olho. E aí, uma das coisas primeira que ele fez, nessa briga toda com [?] e tal, ele me denunciou para o Reitor. Dizendo que eu estava viajando para o Rio de Janeiro para me reunir com o pessoal de São Domingos, com os guerrilheiros, que na época estava tendo guerrilha ali na América Central e tal, na Nicarágua tinha passado para alguns cantos, e que eu estava me reunindo lá. Como se isso fosse assunto da universidade, mas era época, ainda, ainda não [...] era época ainda da Ditadura. E ele chegou e foi lá falar. O reitor era muito amigo do professor de Psiquiatria, do Catedrático de Psiquiatria, que já era professor titular, já estava passando. E ele era um homem de esquerda, já foi, tinha sido, que já estava se acomodando, mas tinha sido até ligado ao Partido Comunista, como todos, muito, que pensava criticamente, tinha cabeça, lia, quase todo mundo entrava no partidão, quer dizer, os intelectuais, aquelas coisas. Mas ele foi deixando. Aí, ele chegou, me chamou e disse: olhe, tome cuidado. O reitor recebeu uma denúncia do diretor da Rockefeller, que você está se encontrando com os guerrilheiros [risos] como se eu fosse iniciar uma guerrilha aqui, mas o fato, que aí vale, que aí vocês vão entender essa coisa dele comigo, pulando um pouco para trás, logo que eu cheguei de Londres, o departamento tinha se reunido, porque ele tinha oferecido o mesmo projeto lá, e aí é interessante você ver porque eu falo da ruptura, ele tinha oferecido o mesmo projeto para o Departamento de Psiquiatria, que é o mesmo de Cali, ele queria fazer de cá, de psiquiatria com saúde e tal, e fazer a mesma desgraça. E aí, eu peguei, quando cheguei de Londres, o professor disse: olha, na reunião de departamento, já aprovou seu nome na sua ausência, que você é o único que está aqui habilitado para isso, tal, tal, tal, para você que gosta dessa área então, você tem aqui um convite, para você ir a Cali, avaliar o serviço e dar aqui um parecer pelo departamento, se aceita ou não, o que eles querem implantar. Eu digo, tudo bem. Pensar, e vou fazer meu parecer e meu parecer e vai, pronto. Viajei para Cali e passei uma semana. O negócio era ridículo, era uma psiquiatria chamada simplificada, o que eles queriam fazer aqui era a medicina, a saúde simplificada. [risos] Que era, treinar o auxiliar, que ela ia com um questionário, entrevistar os pacientes queixando e tal, 5, 4, aqueles cruzamentos, como se as estatísticas resolvessem o mundo da mente. E aí, ele pegava aquilo e ela mandava para alguma coisa para treinar, e algumas recebiam médico ela acompanhava com remédio.

Ficava acompanhando com remédio e tal. Então era um negócio que chamava simplificada, então podia massificar atendimento, barato, etc. e tal. Aí eu voltei, passei uma semana lá, via a parte também de saúde, achei uma desgraça também, num tinha nada a ver. Aí eu peguei e voltei. Quando voltei, escrevi, fiz escrito, que sempre foi um desafio, aí escrevi, apresentei ao departamento. Departamento tinha muita gente inteligente, muita gente politizada enquanto professores, eles queriam mais com a clínica, o consultório privado deles do que lá. Lá é porque dava o salto por consultório, ficavam estudando tudo, e indicando os pacientes, para eles. E isso eu brinco, mas, é verdadeiro. Muitos amigos meus, mas aí houve esse primeiro confronto. O departamento aprova por unanimidade, o meu parecer, que não tinha nada a ver, num era nada a ver, que era uma coisa alienígena, que não tinha nada a ver, tal, tal, tal, recusado, total. Lógico, foi para Rockefeller, ele deve ter sabido, porque eu fiz. Aí veio mais tarde isso, e veio uma outra questão [risos], aí eu fui obrigado a fazer o mestrado, estou juntando as pontes agora.

TF: É.

LF: Aí, pronto. Vai ter que fazer, quando cheguei de Londres, porque está isso, eu venho começar o trabalho, estou começando trabalho, começando uma outra direção das coisas, eu não vou parar. E aí, num debate eu acabei dizendo, tem aí, soube o movimento, o reitor já me falou também e tal, que vai ter um prazo aí, que quem não fizer, não vai, vai sair. Que era inclusive probatório, por definição, o auxiliar de ensino probatório. E disse: pô tem 10 anos, 15 anos que não fazem aqui, eu mesmo saí já tinha 4 anos de professor, 5 anos saí, passei um tempo lá, volto, ainda não tinha concurso, e tinha mais velho do que eu, gente mais velho do que eu, todos lá, no auxiliar de ensino. Aí ele disse: tu vai fazer, eu disse: já sei onde vou fazer, eu vou continuar minha vida aqui e tal movimentando porque eu tenho obrigação de fazer. Eu vou fazer o mestrado, que já tinha Estatística, já tinha Bioestatística, as mais chatas, Epidemiologia, me perdoe se for epidemiologista [risos]. Aí o seguinte, a Estatística, Epidemiologia, tinha uma outra também que eu fiz lá, tinha uma outra Saúde Mental, que eu podia me inscrever, que eu já era professor [risos] lá mesmo. E aí, foi a desgraça, primeiro quando eu botei, Rubim que tinha me botado, eu fiz o primeiro, quando no segundo ele chegou já me canetou que eu não podia ser professor e aluno. Aí eu sou irreverente, escrevi: eu, hoje, eu fui escolhido para ser professor e fui aceito pelo meu currículo. Agora eu passei um ano [risos] aqui dentro

trabalhando, fazendo, articulando, então eu estou, mas o meu currículo está aumentado, aumentou, escrevi, mandei escrito. E mais, as disciplinas mesmo fundamentais, eu já fiz em Londres, tais, tais, tais e tais. Aí ele disse que não queria, que foi a maior briga. Eu tinha de deixar de ser professor. Então eu disse tudo bem, vou deixar aí, Rubim que também viveu o passado clínico, estava entendendo a situação toda. Aí ele virou e disse: não faça o [...] você vai dar as aulas. Eu continuo assinando tudo, sim, mas eu estou inscrito, porque aí eu disse, aí que criei o problema: eu vou me inscrever, que aí eu vou retirar essa, e vou querer o curso de Saúde Mental. Aí, o professor Rubim de Pinho disse que ele não dava nenhuma aula, que não tinha condição de dar aula. E, aí não tinha ninguém aqui que trabalhasse com isso, e era raro na época, esse tipo de trabalho mais amplo assim, a não seria uma epidemiologia, que você variava ali dentro, mas pegar todo o componente que se avalia em Psiquiatria Social e essa articulação com a Saúde era muito difícil. E aí eu disse: eu não quero o curso. [risos] Aí o Rubim disse: eu não vou dar, disse ele que não ia dar aula pra mim. Aí Rubim chegou por trás e disse: vamos fazer o seguinte, fica inscrito, você dê a aula, e eu assino todas as suas aulas. Aí Rubim quis fritar ele. Foi ótimo, eu dei as aulas, eu disse agora professor, você dá a nota que eu não vou dar a minha nota. Ele chegou deu, assinou a nota, deu, deu logicamente.

TF: Você deu aula pra você mesmo?

LF: Hein?

TF: Você deu aula pra você mesmo?

LF: [risos] Ele chegou deu, o professor Rubim deu a minha nota. Aí ele deu a nota e ele ficou apavorado. Aí eu fiz, fui fazer o trabalho de tese. Qual era o trabalho de tese? Eu chamei “A história da Psiquiatria no Brasil” [...] um interesse que eu tinha mesmo de vasculhar mais profundamente tudo isso e tal. Nós já tínhamos trazido Foucault aqui, uma porção de debates com a gente de outro lado e tal. Já tinha feito um movimento e eu achava que era interessante essa parte dedicar mesmo a História da Psiquiatria do Brasil. Aí, sabe o que esse Ph.D. americano, disse? O senhor está muito jovem, para ficar contando história. [risos] Você que é historiador?

JN: Também sou.

LF: Vocês dois, pô [risos] aí, eu vou indicar para ser tutor de vocês dois.[risos]

LF: Aí vocês dois, você está muito velho, para ficar contando história para contar

história. Deixe quando você tiver velho, aposentado, você faz a história, ele chamava história. Uma contação, simples, simplória. Rapaz, aí eu digo: pô, eu não vou perder o meu mestrado, já tinha feito, já tinha pulado 1000 disciplinas, só faltava a tese para eu ter o título de mestrado, aí eu peguei a porra e botei, ao contrário. Tudo o que eu quis, o que eu queria dizer está aqui, vou botar o nome prática psiquiátrica. Ele também é ignorante, ele vai entender prática, no sentido pragmático do coisa, do chegar perto [vozes sobrepostas] aí eu digo, ótimo! Essa palavra aí, está correta do sentido meu conceitual. Queria fazer uma análise sobre Psiquiatria, prática psiquiátrica mesmo, no sentido amplo, desse termo e profundo. Aí, eu botei o nome “Prática Psiquiátrica”, tirei o nome da história e botei prática psiquiátrica. Mas também não ia mais fazer história, aí também eu me irritei. Sentei em 3 meses, eu escrevi tudo o que eu já tinha na minha cabeça, discutido, já escrito, já feito, já debatido tal, sobre a relação entre psiquiatria e sociedade [...] pronto. Chego lá, [risos] e Rubim de Pinho ficou como meu orientador, [risos] o professor catedrático, em psiquiatria ele é muito bom, muito bom, conhecido no Brasil inteiro e tal, e era um homem, inteligente e culto não era um imbecil. Aí Rubim [risos] chegou pra mim, leu, então, eu botei para passar, eu fiz um questionário, eram 100 psiquiatras, aí eu fiz um questionário para saber, aí ele gostou da parte do questionário. Saber como é que tratava, no interior, mandar 100 psiquiatras, já tinha todo mundo mandado o questionário que no final ia lascar, saber o que que eles fazem, a formação, se eles fazem psicoterapia, se não faz, aquela coisa, cruzar, fazer umas coisinhas, uns quadrinhos e tal. E aí, ‘buf’! Lançou o apoio. Quando chegou lá, ele aceitou e foi feito para ser o meu orientador. Aí eu criei uma expressão, que valeu todo meu tempo de professor que chamava o desorientador. E chamava todos os orientadores de desorientadores. E aí, fiz, quando nesse intervalo nós estávamos já com a luta, já estava com coisa, e conseguimos que ele fosse embora. Aí Rubim de Pinho aceitou minha tese, ficou como meu orientador, e que ele se colocou como meu orientador. E o pessoal da preventiva, já foi minha primeira crítica, permitiu que uma coisa dessa acontecesse, né? Mas eu fiz o trabalho, a prática psiquiátrica, e o trabalho foi feito, e o Rubim me deu a nota [risos] pelo trabalho acadêmico do mestrado. E aí, num veio nada dessa obrigatoriedade surgiu um concurso, eu fiz, passei para assistente fui embora. Mas o fato aí [...]

TF: Mas você fez concurso pra entrar?

LF: Não, para assistente, não fiz para auxiliar não, fui escolhido.

TF: Sei, pra assistente você fez concurso.

LF: Fiz concurso, aí concurso. E aí, não, eu fiz para auxiliar! Não, o meu era um primeiro que eu fiz, aquele que eu fiz de assinar, era um período limitado, até abrir os concursos. Eu fiz para auxiliar, para auxiliar eu fiz concurso. E depois eu fiz para assistente. Que depois tiraram de assistente, você subia por mil mecanismos, titulação, uma porção de coisas, tempo. E aí, mas eu fiz esse depois, que eu num era auxiliar eu funcionava como se fosse, mas era um cargo, uma função escolhida para um período “x”, enquanto conseguiam remontar um dos concursos para preenchimento, passaram a ter, todas as áreas na medicina, inclusive na psiquiatria. Então, eu entrei, depois fiz concurso. Entrei por concurso, também para auxiliar e depois de auxiliar para assistente. Esse processo, então, me deu o seguinte, uma dimensão dessas coisas e uma compreensão, aí começamos o movimento aí, vou chegar mais perto ainda de vocês, que é, que foi a discussão do mestrado sem a Rockefeller. Mas todo mundo já lia Cecília Donnagelo, todo mundo já lia as coisas de [Sergio] Arouca, todo mundo já lia as coisas de [...]

TF: Madel.

LF: Madel, Madel. Uns grupos, que todo mundo lia e aí, o debate estava aberto, também público. Os alunos já se envolviam, pelo nome, pela aquela coisa muito pequena, e aí nós fomos começar a criar, para coisa da história, que é só para história, que teve um momento bom, o referencial foi o marxismo. Quando a Rockefeller saiu, mudou da água para o vinho, que o referencial era americano, meio típico do pragmatismo americano, da saúde simplificada, daquele mecanismo todo, de pobre para pobre, que eu chamava de a medicina pobre para os pobres para continuarem pobres e agora calados, que era diminuir as tensões sociais. Então, esse processo, aí abriu o debate. Aí já estava alguma coisa fermentando, já tinha muita gente da psiquiatria que já acompanhava esse processo, estudante e tal. Eu sei que o pessoal veio todo, também era psiquiatra [...] ô meu Deus. Eu não sei se é memória ou se é um lapso Freudiano, viu?

[risos]

LF: Cuidado, que eu tenho as duas coisas: pela idade e pelos meus conflitos. Mas, qual o nome dela? Foi mulher de Jacobina, é [...]

JN: Carmem.

LF: Carmem! Carmem Teixeira, Carmem Teixeira. E, depois eu tenho uma história boa, pra você vê, como eu fui perseguido também pelo presidente, do diretor da Rockfeller. Mas aí, o seguinte, chegou há um tempo, não ela necessariamente, foi um esquema, o processo chegou um ponto [...] Mas aí, o seguinte, o processo, é que nesse período nós começamos uma coisa efervescente. E a primeira decisão, nós tomamos coletivo, era eu, Jairnilson, Sebastião [Loureiro] [...] é quem era mais assim próximo da gente, os outros participavam, mas os que eram mais mentores e teólogos e tal, e nesse tempo nós estávamos todos afinados, numa onda de levante, de acabar a Ditadura, de novos tempos etc. Todos originários, Jairnilson era o único que não tinha uma inscrição, Sebastião tinha uma inscrição partidária no PCB, eu organizei quando voltei de Londres a célula de saúde do partidão aqui, porque o partidão daqui era mais atrasado do que já estava atrasado o partido nacional, com aquela briga com o [Carlos] Prestes e tal, eu sei que esse processo aqui, eu consegui lutar e tinha um outro também, me juntei com uns dois que também estavam no exterior, nós voltamos para abrir, isso já em 76 [...] por aí, e aqui o pessoal fechando, o pessoal que está todo no PPS hoje, etc. Então, o processo era o que? Era a gente entrar numa onda de discussão mesmo, abrir, como já estava abrindo, a discussão da psiquiatria mesmo. Nesse tempo o CEBES já estava entrando aqui a revista, já tinha o grupo do CEBES já estava um quadro, que a gente já estava, que dava para gente abrir esse mestrado com a coisa agora, fundamentar, essa ação, essa prática, que vai ter aí dentro. E esse é um tipo de debate que nós fizemos, basicamente nós 3, com a ajuda dos outros, não estou dizendo, mas esses eram mais comprometidos na época, que eu diria assim ideologicamente. E nós fizemos um processo que foi muito forte, porque os estudantes vieram também para os debates, para as discussões. E eram todos eles do movimento político-estudantil, grande parte, ou seja, atraiu por uma outra coisa. Era o renascer porque o presidente que foi do DCE, que era médico da medicina formada veio, aí veio, veio gente, e era uma coisa interessante, bonita, nova, renovadora, fundamentalmente. Aí que eu me vinculo, mais profundamente, à questão da Medicina da Saúde Coletiva. Aí, eu começo um movimento. Já tinha deixado a psiquiatria porque eu já não aguentava a discussão que era tudo caso privado, vai no seu consultório, atendia seu doente, aquelas coisas. E aí, eu cheguei e pedi que fosse emprestado para o mestrado. Não para preventiva que era da preventiva, lógico vinculado, mas eu ficava mais lá no mestrado do que iria ficar, já estava prevenindo alguma coisa. Aí peguei, e fui emprestado, meu tempo era dedicado, passaria a ser cumprido, não fui transferido, e aí

fui pra lá participando, tinham uma boa relação, foram muito próximo, Sebastião que eu conhecia mais, desde juventude, de farra, de brincar, de sair junto, era do mesmo grupo [...]

TF: Espera aí um instantinho, que eu fiquei confusa, porque tinha o Departamento de Psiquiatria e o DMP?

LF: É.

TF: Você era lotado no Departamento de Psiquiatria [...]

LF: Psiquiatria, é.

TF: E dava aula no DMP?

LF: Era como se fosse emprestado, não sei qual foi a fórmula na época que eles usaram.

JN: Mas era emprestado, na verdade, para o mestrado de Saúde Comunitária.

LF: Que era do Departamento de Preventiva. Eu não tinha mais função na psiquiatria, eu ficava, as minhas funções [...]

TF: Sei

LF: Transpunham-se para Departamento de Medicina Preventiva, mas para o mestrado.

TF: Para a pós-graduação.

LF: Pós-graduação.

JN: A pós [pós-graduação] que era da UFBA.

LF: É, mas que era ligado [...]

TF: A pós [pós-graduação] era da UFBA.

JN: Ao DMP.

LF: Ao DMP. E aí, nesse processo, nós, que eu comecei lá em tempo integral, que já estava trabalhando com Jairnilson [Paim], inclusive, no meu projeto de pesquisa, que tem relação com Saúde Mental e Saúde e tal [...] Guilherme veio até aqui fazer um trabalho, Guilherme Rodrigues. Nós chamamos ele para uma mesa de trabalho, 3, 4 pessoas, 5 para gente ir aprofundando as linhas dessa integração de saúde mental, saúde e tal. E aí,

começou esse debate, trazíamos gente para conversa direta como trazíamos para debates públicos, e também as pesquisas que começaram a ser feitas, que fazíamos juntos as vezes com a de saúde, que tinha uma separação na época que chamava Saúde Mental e Saúde, [risos] a saúde geral como se dizia. Então, nesse aspecto, nós estávamos, portanto, já juntos. E começamos, então abrimos com a expulsão da Rockefeller. [...] Dois fatores, que vocês vão conhecer a história, eu não estou, eu vou falar de nomes, não é por nada, é porque a história mesmo.

TF: Não, pode falar.

JN: Fica à vontade.

LF: Tem conotações históricas. Naomar era ligado a mim, eu trouxe ele foi lá para coisa, ficou lá no Mario Leal naquela experiência, ele fez no internato que eu abri o internato lá pelo Departamento [vozes sobrepostas] é, eu fiz o processo lá, ele foi comigo, se aproximou, passou a estudar com essa coisa, essa junção, com esse discussão. Ele, se encantar, ele, passou a trabalhar depois na revista, ele passou a ser, editor, um dos editores também para escrever e tal. E ele então, cresceu nesse processo, e Naomar, então começou a se aproximar e foi fazer a tese no meu programa, ele e Vilma [Santana] participavam no meu programa de Saúde Mental. E com Jairnilson e tal, a gente formulou, eles que tinham vontade, porque já tinham uma experiência da preventiva do Nordeste de Amaralina, que a gente queria incluir lá, já a saúde mental junto com a saúde geral, chamada. Então aí, era a ideia, era já fazer essa experiência piloto, da junção dos 2 já no terreno, já era a experiente a preventiva já tinha muitos anos lá no Nordeste de Amaralina, no posto de saúde, no centro de saúde e tal. E aí, os dois foram fazer a tese, Naomar [...]

TF: Chamava preventiva?

LF: Hein?

TF: Chamava medicina preventiva?

LF: O que?

TF: Lá em Amaralina? Chamava medicina preventiva?

LF: Não, era um centro de saúde, mas era controlado pela medicina preventiva, pelo

Departamento de Medicina Preventiva, que já era uma experiência longa, que eles controlavam lá. E Naomar, então, fez a tese, ele não fez a tese, Vilma então fez a tese completa, eles fizeram um levantamento todo, que você tinha a parte de adultos, ficaram com Vilma , 16, 17 anos, não me lembro a divisão e a parte infantil com Naomar. Tinha já uma metodologia, pra você identificar os suspeitos, depois pra ter um exame clínico, era baseado num exame clínico e que...

[interrupção-ruídos na porta]

TF: Vai.

LF: Exame clínico e aí, o processo de [...] sim, mas aí era você trabalhar, você trabalharia então com dois, duas etapas. Que era uma de você detectar os suspeitos na comunidade, de um instrumento validado, um questionário validado com mil coisas e aqueles que podiam ser suspeitos, eles seriam examinados por um psiquiatra, ou por um psicólogo, no caso das crianças e no caso dos adultos. Então já deu um avanço grande, que nem eu fazia por questionário, identificava e tal. E a gente usou já um instrumento clínico, que era o que tinha de mais forte para isso. E aí, foi a primeira experiência mesmo, interessantes, dois padrões, quer dizer, o questionário que ele tinha que ser validado antes, foi validado etc. Naomar [Almeida Filho] ao mesmo tempo que estava em guerra com a Rockefeller, ele principalmente, que nos praticamente forçamos a saída dele, Naomar [Almeida Filho] tornou-se o menino do diretor da Rockefeller. Ele então cerceou a pesquisa dele da tese da dissertação de mestrado, só a validação entrou como tese, daí já eles aceitaram, e mandaram ele lá para o norte de Carolina, sul de Carolina, lá para Carolina qualquer. E ele foi fazer doutorado, contra a minha opinião, mas que eu não era o orientador porque eu não podia ser o orientador ainda lá. Então, ele botou Sebastião [Loureiro], eu fazia todo o trabalho e Sebastião assinava. E aí, Sebastião leu, lógico ele é epidemiologista, ele leu o trabalho, e tal, não acabou, e aí o Blanc mandou Naomar [Almeida Filho], ainda estava ai, e mandou Naomar [Almeida Filho] para o norte de Carolina. E aí, nós fizemos o trabalho aqui, nesse meio tempo teve a discussão, Vilma [Santana] continuou, fez a tese dela completa, foi inclusive elogiada, foi publicada, que era um primeiro trabalho psiquiátrico mais amarrado um pouco, em termos de epidemiologia, de pegar populações, não é? E aí, foi o processo então foi andando. O mestrado abriu com uma coisa efervescente, saiu daquela morte que era da [risos] Rockefeller lá dentro comandando, a mulher dele como diretora do colegiado, e passou a

ser outra coisa. Aí começaram os debates, aí que eu chamei, Romélio Aquino, eu fui buscar Romélio Aquino que é um filósofo, ele ficou com a disciplina Teoria e Prática, que começou a trabalhar a luz da filosofia profunda mesmo, ele ficava um semestre mesmo todo, para as pessoas desintoxicarem do que eles chamavam de práticas, de botar e aprender o que é a prática mesmo, e o que é a teoria também, e viver isso e, aprofundar e ler, ler textos e saber interpretar, ler teóricos mesmo. E Romélio fazia um trabalho muito meticuloso, é uma figura de grande cultura filosófica, e que é muito inteligente, muito hábil verbalmente, então tinha uma amplitude enorme, os alunos adoram ele, apesar da complexidade do pessoal de saúde, chegar ali e está destrinchando coisas filosóficas. Mas ele aceitou porque ele estava, brigou com o pessoal lá que era uma desgraça, hoje, ainda, melhorou um pouco de filosofia, a não ser o Ubirajara Rebouças. Eu fui buscar Ubirajara Rebouças para vir para o mestrado e Romélio, que eu sempre acreditei nessa amplitude também do saber maior onde você pode se integrar a essas coisas, e pensar no social, pensar nisso, tinha que ter um negócio maior, eu acho que é por aí. Chamei uma outra de Ciências Sociais, que é também uma pesquisadora de peso aqui, teórica também, tinha capacidade, Nadya Castro, ela está trabalhando naquele que é de, naquele grande centro de estudos, [José Arthur] Giannotti era o diretor, foi o iniciador desse grande grupo lá de São Paulo.

TF: Em São Paulo?

LF: Qual é o nome dele? Que é conhecido, um centro de estudos de trabalho, tem uma equipe enorme, me esqueço o nome. Esse grupo, ela foi até convidada daqui para ir para lá. Está trabalhando lá, ela trabalha lá, nesse grupo. E aí, mas era um pessoal melhor que tinha na universidade com a cabeça boa, com a crítica, com a formação mesmo, mais profunda e aí, quer dizer, se pensava algo muito grande, certo? E, eu por exemplo, eu já propunha um outro tipo de diálogo, que é esse diálogo que eu fui catar as pessoas que eu tinha relação mais por conta do movimento universitário, eu já era participante ativo no movimento universitário, não do sindicato e tal, mas eu ia para as assembleias discutia, formulava escrevia, tenho um livro sobre a universidade brasileira, e aí eu disse: pronto é agora, nós vamos juntar um corpo bom de pensamento, e vamos abrir o mundo para você pensar essas coisas, agora com profundidade. Não com brincadeira, não com oportunismo, não com isso, com aquilo. E aí foi o que nós, eu me propus, e o que começamos a fazer, eu me dediquei, deixei a psiquiatria e me dediquei ao mestrado. Já com a saída deles, aí eu fui de corpo e alma. E aí, nós começamos a discutir e tal,

começaram nos debates, as primeiras diferenças [...] que era o entendimento mais profundo, estrutural, do que as coisas se andavam, a infraestrutura. Como entender essas relações? E aí começamos a discussão, depois houve uma divergência grande em relação com o meu pensamento sobre a universidade e o deles. Que eu era contra a privatização por dentro, que eu chamei, inclusive, da universidade que era a venda de serviços, compra e venda, a mercantilização da produção, que a universidade é pública, e deve pensar as grandes coisas e formular para o conjunto, e esse processo, era uma coisa muito viva em mim, e comecei a escrever sobre isso. Tem um texto que eu não encontrei, na saída muita coisa minha que eu ia mostrar, sobre o Departamento de Medicina Preventiva. E chamei todo mundo para o debate, que acabou não havendo, que ninguém se quis fazer o debate. O processo era que eu comecei a condenar certas coisas, as críticas aumentaram, o mestrado já fluindo, 1 ano, 1 ano e pouco sei lá. Alguns já estavam como professores, que foram aqueles primeiros alunos dessa época, e aí, mas todo mundo lá existia uma ordem unida [...] e o dissenso fui eu, foi Romélio. Jacó [Ronaldo Jacobina], já era professor, também começou a entrar no dissenso, quem mais? Vera [Formigli] [...]

JN: Vera Formigli

LF: Vera Formigli.

JN: Ines [Lessa]

LF: Não, não, Ines não. Aí, você tinha já um grupo que começou a ter um dissenso, porque já estava numa outra, buscando uma outra perspectiva. E aí, começou o debate. Eu saí antes de ter a divisão. A minha saída é uma coisa que vai sintetizar tudo. Aconteceu o seguinte, eu recebo um telefonema da CUT-Bahia para fazer um projeto de saúde do trabalhador para eles, porque tinha chegado uns recursos da central dos trabalhadores, que era ligado acho ao Partido Comunista Italiano, lá da Itália. Tinha conseguido transferir um recurso grande da CUT daqui nacional, ou de São Paulo, não me lembro, não me lembro agora, aí é um pouco de equívoco meu. Mas era da CUT que era maior mesmo, estava centrada em São Paulo também, mas era, acho que era nacional. Aí, a CUT nacional queria distribuir uma parte, para uns lugares, para difundir um pouco a questão de saúde do trabalhador. Aí me pediram para eu fazer um projeto, para eles discutirem lá e mandarem. E aí, eu nas minhas irreverências, minhas coisas, eu peguei, sentei e fiz uma revisão grande, ficou um ‘catatal’, [risos] desse tamanho o projeto, mas isso é simbólico, que era para dizer o seguinte, para trabalhador a gente deve fazer até maior do que para os outros, eu estou voltando, bulindo no pensamento das coisas que

nós nos originamos. E eles já faziam para isso, para aquilo, para o governo estadual, para o governo de Antônio Carlos [Magalhães], essa porra toda, governo de Antônio Carlos era direita aquilo, coronelismo maior. E a gente criticava isso, num aceitava e tudo. Mas aí quando chegou esse momento, não estou dizendo ele especificamente, fulano “A” ou “B”, mas gente lá fazia e era nominal. Quando chegou o meu que era da CUT, [risos] querendo dialogar comigo pela lida que eu estava na preventiva, e queria ajuda, uma coisa e tal, eu formulei um projeto para eles discutirem. E aí, eu chego na reunião, eu não tinha direito a voto, tinha direito só a voz, eu disse: olha, está aqui. Procurei Naomar, que já era já chefe de departamento, e disse: Naomar, aqui está o trabalho que eu lhe expliquei o que é. É urgência, o pessoal tem urgência, então eu queria que entrasse na reunião do departamento. Entreguei a ele o trabalho. É um mês que eles têm, a reunião de departamento era mensal, então está aqui, você bota e tal, botou. Quando chega no dia da discussão, não, ele disse: é esse ‘catatal’ todo? Você faz o resumo lá na, é foi isso. Faça um resumo, coisa que ninguém vai ler, você é melhor em fazer um resumo e tal, eu disse tudo bem, eu vou. No fundo, no trabalho separado para dizer que era só o meu trabalho, tinha uma coisa que eu chamei “regras do jogo” ou “princípios éticos” que era uma condenação que eu já tinha crítica ao modo fazer pesquisa na universidade, inclusive, como estudante, essa relação de exploração, com todos os mecanismos, com a venda desse serviço, como fazia com o tipo de financiamento que chegava, essas coisas todas. E aí, quando bate a questão, qual é a questão que bate? Cheguei lá na reunião, foi lido, todo mundo se ciente que ia aprovar, porque eu não assisti nenhum deles apresentando projetos em departamento, mas eu defendia que todos [?] não para gente censurar, mas para gente ter um debate crítico, e o departamento daria o aval ou não, mas era uma coisa de uma inteligência acadêmica, mínima. E aí, eu cheguei e apresentei meu trabalho, [risos] aí começou a discussão. Eu fiz o resumo, aí agora tem uma parte aqui, que é pequena, eram 10 ou 12 “princípios éticos” ou “regras do jogo” que chamava os dois, ao mesmo tempo, eu disse: eu vou ler, para não ter dúvida. E comecei a ler, item 1 tal, item 2 tal, item 3 tal, bom, nosso amigo Romélio [Aquino] [risos] chegou, virou e disse: ótimo e tal. Depois de aprovado, o coisa, todo mundo já dava como aprovado, não tinha nenhum elemento ali para dizer não, vocês, eu queria que na próxima reunião, esse item final do trabalho de Luiz Umberto, que não era encaixado o trabalho, que era só um adendo meu, de como eu ia me comportar nas referências que eu estava vendo, éticas e as “regras do jogo” como eu ia fazer, me comportar com a CUT para o departamento, e ao respeito ao departamento, ao coletivo, inclusive, o dinheiro que viesse, seria posto, e aí começou a grande questão, na conta da universidade. Com destino ao trabalho que se faria

na preventiva, mas passava por dentro da Universidade. Esse é o grande problema, o segundo que era o grande problema, problema não pra mim, na cabeça deles. Primeiro era essa questão que era fundamental para mim, o trabalho ser público. Então entrava na conta como uma doação, por um trabalho de pesquisa a CUT, tal. Então o departamento gerenciava, mas a prestação de contas era feita pelas instâncias da universidade. O trabalho do estudante, tudo isso, discutido. Quando eles viram aquela leitura e tal, e Romélio [Aquino] falou esse negócio que era transformar para discutir em numa próxima reunião de departamento, isolado, não mais como meu trabalho, todo mundo sabia, que Romélio [Aquino], que ia ser aprovado, ele não ia fazer, ele era amiguíssimo, amicíssimo meu, aliás vivemos juntos muitos debate, muitas coisas juntos e tal. E aí, [risos] ele chegou e falou, aí começou um debate no departamento. Não que tem que fazer, num tem relator. Um jogo, mas é um jogo primário, essa coisa foi me irritando. Não mas não teve relator, o relator, o chefe de departamento disse que não precisava, até porque eu nunca vi relator, nem projeto de ninguém aqui dentro. O meu estou escancarando tudo, até o dinheiro que entra pela CUT, quero destinar para universidade, para alguma coisa, um trabalho que fizer de acompanhamento, tudo está detalhado, e está tudo coletivo. Nós sempre defendemos a coisa coletiva, tudo está público. Não, e começou o debate. E aí se repetiu a história, que aí vai servir para diante, o que vocês já tão ouvindo, entre os 17, sem branco, [risos] sem voto branco, não existia e sem oposto. Inteirinho, 17 contra os dissidentes que passaram a se constituir um grupo, que era eu, Romélio [Aquino], Vera, [Ronaldo] Jacobina e tal. E aí, começou a onda, então era um debate [...]

TF: Eram 17 contra quantos?

LF: 5.

TF: 5?

LF: Eram 17 contra 5, mas aí era numérico, aí começava alguém pedia a palavra. Não eu peço que pelo adiantar da hora, pá, pá, pá, pá, aquelas coisinhas típicas de assembleia legislativa, que é típico câmara dos vereadores e tal, aqueles artifícios, peço votação. Pô, a votação já era dada! [risos] Ninguém conseguia dizer não, diferente. E gente que trabalhou comigo, assim oh, cara a cara que falava, e falava para as pessoas, cada um aqui deve agir sozinho e tal. Eu sou provocador e fiz assim olhando para todos e saía, 17, tinha gente que chorava, 17 a 05. Qual foi a ideia? Inventei parecer, [risos] ou seja, a

regra do jogo era para mim, meu trabalho. Então, eles de burrice, mas colocaram já pensando, chegou um mês depois, e o pessoal me cobrando, cobrando, cobrando e acabou perdendo. Eles vieram, aí teve a reunião, eu não recebi a convocação, eu iria lá, como eu disse, eu tinha direito a voz, eu era emprestado. Aí fui, cheguei lá, alguém me dá, eu vejo assim, a ordem do dia, não está aqui o meu projeto, o projeto da CUT aqui com a gente. Não, porque Carmem, o ato falho qual foi? Mentira, é da velhice também que eu me esqueço. Aí, ela não deu. [...] Ela disse que não teve tempo, 30 dias, porque ela foi mesária, que a eleição foi no domingo na véspera e a coisa foi segunda. Teve 29 dias aí. Quem é mesário não é convocada na hora, foi convocada lá atrás, ou seja, um jogo. Aí vocês vão entender porque eu fiz aquela pergunta, no ISC eu não vou, se vocês perguntaram, eu não vou. Eu peguei, fui lá, levantei assim, não [?] peguei a tese, o trabalho grande, disse: óh, isso aqui, saiu daqui. Nenhum de vocês, controla a minha mente, minha cabeça e meu pensamento, e eu vou sair daqui e vou-me embora, com a minha coisa, não vou deixar mais nada aqui. Saí e cunhei essa frase: aqui nunca mais pisarei, não é por nada não, é para não sujar meus pés de lama. Me retirei, nunca mais voltei, cheguei no Departamento Psiquiatria, essa história é conhecida por isso que eu estou contando a vocês, num é nada de segredo. Disse, procurei o chefe de departamento: oh, você é amiguinho deles lá, tudo bem, faça, são amigos, são compadres, são amigos tal. Eu só quero dizer uma coisa que é o seguinte, eu vim para trabalhar, aconteceu isso, já vinha acontecendo, coisas sérias. Eu, então, quero que você mande agora comunicar, peço a você, não mandava, peço a você, que comunique, que a partir de hoje eu estou, que não quero que você agradeça nada, em meu nome você não vai agradecer nada, senão você é oposição, brincando com ele, foi meu aluno e tal, ele disse que agradeça, num agradeça nada dizendo o seguinte: a partir dessa data, o professor Luiz Umberto, lotado, volta a ter suas atividades todas, de acordo com o plano que ele encaminhou e tal, e tal e tal, aqui no Departamento de Psiquiatria, ponto. Date e assine. Ele levou para o departamento, aprovaram tudo por unanimidade.

TF: Isso foi em 82? É o que eu tenho de você no Departamento de Medicina Preventiva.

LF: Eu acho que foi um pouco antes, 82 foi de eleição, eu fui eleito logo depois, foi 80, 81, não sei. Porque eu saí antes do debate sobre o Instituto de Saúde Coletiva. Eu opinei já de fora, entendeu? Eu não participei. E aí, eu me retirei, escrevi um trabalho antes de eu sair, antes dessa reunião, eu escrevi um trabalho lá, que eu descobri um, está até num

livro meu que está citado, eu encontrei ele, que era sobre o DMP, o Departamento de Medicina Preventiva [...]

TF: Esse nós temos.

LF: Esse trabalho?

TF: Acho que sim, não?

JN: É o DMP de princípios?

LF: Não, não, não, esse aí não. É um trabalho crítico, é um trabalho crítico. É um trabalho, inclusive, em folheto, que eu escrevi assim tinha umas 4, 5 páginas, tirei xerox, fiquei na entrada, só tem uma porta de entrada, eu fiquei na entrada, antes desse desfecho que eu estou falando, entreguei a cada um que entrava. Eu sou meio [?] pego na alma. Agora faz o seguinte, eu queria que você contribuísse com a sua cópia da xerox, que eu vou dar a muita gente. Aí tal, pegue, ninguém recebeu, aliás primeiro eu deixei em cima da mesa para as pessoas pegarem aqui em cima, botei um aviso, aqui tem um trabalho sobre o DMP, uma análise crítica do autor Luiz Umberto [Ferraz] tal e tal para as pessoas pegarem. Ninguém pegou. Alguém pegou, levou, botou lá de noite, não sei. Aí eu cheguei e disse, ou um a pessoa pego, não lembro, a não ser o círculo dissidente. Aí eu peguei e fiz essa coisa, fiquei na porta, entrava um, aí eu fiz pagar, simbolicamente, e me dar 2 reais ou 1 real, 5, 6, 7, 8 páginas, que era toda uma discussão sobre a universidade, mas que entrava pela prática do DMP. Aí, que ele já estava apontando para o que eu condenava de privatização interna, venda serviços, uma porção de coisas. E aí, começa um clima lá, chamei para o debate, houve um debate que não se concluiu, e aí foi indo. Difícil, difícil a relação que aí culminou nessa parte que eu, então fui embora. E a CUT acabou perdendo o *timing*, o tempo para o trabalho deles. E o processo aí, eu saí e voltei para psiquiatria, e fiz o meu trabalho a partir daí na psiquiatria até me aposentar. Os meus desencontros foram andando com todos os passos. Qual é essa questão, agora eu vou elaborar mais um pouco, qual é a grande questão? Em 90, 91, 92 eu já escrevia sobre o que eu chamava, primeiro provocativamente, eu chamava em livros que é um capítulo “Esquerda, direita, volver”, quase que se fosse obrigatoriedade pelas questões econômicas, estruturais que o mundo todo estava passando pelo poder do capital, aquela reviravolta foi dando, o neoliberalismo já, avolumando se chegando ao Brasil, América Latina, que antes estava na Europa, desde 80, mas nós, nós chegamos aqui um pouco

mais tarde. Então esse processo eu fui mostrando como estava havendo, uma debandada, uma saída, uma coisa, um recuo, um recuo das forças de esquerda, um recuo das forças de esquerda, de certos setores da esquerda, em direção ao centro político, ao centro político. E esse era um processo, que já mandava uma grande fissura, mais profunda. É, quer dizer, os que ainda continuavam a esquerda, e os que estavam debandando e se adaptando, eu chamo a ordem [risos] e para eles se adaptarem. Então, era um processo claro, que eu já fazia, e não só para o DMP, eu fiz no livro, publiquei botando coisas, mas sem ao ataque direto. Mas o processo que eu fazia era sobre a universidade e sobre os intelectuais, e mesmo, alguns militantes, principalmente, os intelectuais, a debandada que foram dando, a partir dessa mudança da ordem mundial, dessa mudança do poder super revigorado do capital, a queda ao processo de recuo defensivo dos trabalhadores, estou falando do mundo todo, aqui e ali diferentes, mas isso estava em quase todo lugar, e havia portanto, uma readaptação, ou uma adaptação à nova ordem. Este processo, estou falando aqui meio coisa, mas são coisas escritas, publicadas, estou apenas fazendo rápido. Essas coisas então estavam batendo na universidade. Eu escrevi, fiz um primeiro livro sobre a universidade, uma coletânea, tem um artigo de Chico de Oliveira, tem um artigo de [...] é aquele que era o presidente da SB... como era? Do centro de pesquisas [...] ô meu Deus, a velhice, agora é velhice num é ato falho não, falha mesmo, quando chega assim a idade bicho, são 73 anos, vai falhando. [risos] A coisa da pesquisa brasileira, como chama a, veio a primeira palavra está faltando, centro [...]

TF: CNPq, CAPES [...]

LF: Não, não, a grande. A grande, não é institucional não.

TF: FINEP, Faperj?

LF: Não, é o geral da pesquisa em geral do Brasil, era da sociedade, não tinha nada a ver institucional não.

TF: SBPC? SBPC.

LF: SBPC, a SBPC [...] [Ennio] Candotti, acho que era Candotti.

TF: Candotti.

LF: Ele na época era o presidente, ele escreveu a posição deles, esse menino fez o discurso mais crítico, o sociólogo de peso, pessoas na época em pleno vigor, o Chico de

Oliveira lá de São Paulo e, eu fiz e botei mais duas pessoas aqui, e chamei duas pessoas aqui da universidade que também, tinham interesse nesse debate e abrimos esse debate, eu publiquei a coletânea. O processo então era ver essa coletânea, foi publicada. Nós publicamos, fomos, fizemos uma reprodução pela editora da universidade, que eu me arrependi nos anos que esperei, neles não davam oportunidade de você discutir a capa, nem nada. Aí eu deixei depois de fazer, aí eu faço, eu mesmo, pessoalmente meus livros a partir de então. Eu coloquei essa questão aberto [...] é “Crise e Dilemas da Universidade Brasileira”, acho que foi o primeiro que eu fiz a coletânea, crise e dilemas que lá tem um grande arrazoado que bate muito no DMP. Eu não consegui encontrar em minha casa mais que todo mundo me pede meus livros, e eu vou ficando com eles, e às vezes eu fico com um porque a edição esgota-se, e eu não faço outra, porque é com meu dinheiro, eu não tenho dinheiro para gastar então, vai embora. Mas aí o seguinte, o processo, esse é “Crise e Dilemas da Universidade Brasileira”, e tem um que eu faço a história um pouco do DMP, escrevendo de outra forma, inclusive, os corredores vazios, aquelas coisas das janelas, das portas trancadas que foi exatamente a minha volta, isso corresponde a minha volta em 90, 91, a minha volta quando houve essa grande ruptura em 90, 91, 92 [...]

TF: É, é 91 a 95.

LF: É, aí foi nesse período, aí eu estou dizendo porque eu voltei do parlamento, fiquei 8 anos no Parlamento, voltei em 91, em janeiro, porque o mandato acabou em 91, em janeiro de 91, eu retornei à universidade.

TF: O que é o parlamento? O Parlamento Brasileiro da Saúde, que você participou?

LF: É, eu fui o idealizador. O parlamento brasileiro não, parlamento que eu falo é de deputado, que eu fui deputado 8 anos.

TF: Eu sei.

LF: Mas eu criei o parlamento, depois que eu fui da comissão de saúde aqui, uma das coisas, eu reuni todas as comissões de saúde, aí, tivemos essa ideia de criar um parlamento.

TF: O parlamento era uma reunião das comissões de saúde que [vozes sobrepostas]

LF: Saúde, que a gente abriria para o debate, preparando inclusive, já para [...]

TF: Para Constituinte.

LF: Para Constituinte, e era atrair gente para um grande debate, era trazer coisas, discutir, propor ideias [...] mas o que estou interessado é que o parlamento mesmo acabou, meu segundo meu mandato, eu retorno para universidade. É aí que eu começo a rever com as coisas passadas. Quantas coisas mudaram, e é aí que eu escrevo, como foi meu susto. Eu continuei vivendo na universidade, professor, DE que era um líder de assembleia, que era de debater em assembleia, nunca fui de cargo sindical e tal, na universidade, mas tinha uma presença viva na universidade. Quer dizer, eu tinha como deputado acompanhava o movimento, mas eu na preventiva encontrava o pessoal. Eu fui secretário e Jairnilson foi meu vice, meu subsecretário de saúde. Boa parte da preventiva, boa parte dela foi para secretaria. Mas esse período de 8 anos, quando eu volto em 90, que é aí que eu tomo meu susto com as coisas. As coisas eram outras, o departamento já não pensava, ela faz parte desse desvio para o centro do processo. E aí, que eles vão arrumando as coisas tipicamente, que quando nós saímos lá atrás, no final da década de 80, de 70, início de 80, ainda com a ebulição. Esses 8 anos, realmente passaram coisas, não sei quando. Eu me lembro apenas de descrever isso no livro. Quando eu entrava ali, e não via, eu dizia: eu não vejo alma, eu não vejo coração, eu não vejo alegria, não vejo coisas, os corredores sombrios lá de cima. Não sei se vocês conheceram.

TF: Não, ainda não.

LF: Aquele prédio lá do [...] que tem hoje o hospital, aquele hospital. É no último andar.

JN: Sim.

LF: Onde era o hospital das clínicas, você entra por baixo.

LF: Hosannah [Centro Pediátrico Professor Hosannah de Oliveira] ?

LF: Heim?

TF: Hosannah?

LF: É, Hosannah, é o ambulatório, é antes do Hosannah. É um prédio que tem ali mais antigo, que tem até uma passarela para o hospital.

JN: Sim, sim, sim.

LF: É um hospital, que no último andar ficava lá a preventiva, que tem suas histórias que já devem ter contado a você da porta travada, aquelas coisas tudo. Mas meu problema, era essa questão. A grande questão que se envolvia aí era uma adaptação à ordem. Não estou dizendo que conciliou, que fez isso, que deixou de ser esquerda. Esquerda para mim já não era mais, no sentido de que vinha historicamente, houve um refluxo grande. E esse processo então começou com um nível da abertura de várias coisas que, eu tenho críticas, que eu escrevi, que tem um livro que eu escrevi, mas também não posso dar, que é o último que eu fiquei, a vocês que é este sobre, tem também algumas historinhas, mas são histórias outras que eu não denomino por causa das pessoas, “Universidade Dilacerada, Tragédia” aí, esse aí de, deixa eu ver, de 2005, eu acho, ficou pronto, mas ele é escrito durante muito tempo, 2005.

TF: 2004.

LF: 2004, quer dizer, nasceu provavelmente, entre em 2000, 2000 e pouco. Os escritos devem ser daí um pouquinho antes, mas pegou a minha experiência toda da década de 90. Que essa é minha grande crítica, que sai em vários livros meus, aqui tem um, que é o que posso contribuir com vocês vai ser isso, também é o último, que é esse livro que é de 2000, que tem aqui uma coisa que eu insisti, tem outros já revisados, “Esquerda, Direita, Volver”. Quando eu usei pela primeira vez, essa expressão. Esse processo é “Combate Político, Debate Teórico: remando contra a maré, intervenções à esquerda”, esse processo são, são textos meus, tal, foi feito, tinha esse já está para acabar também, é editoria do próprio autor, viu? Eu parei, mas esse aí é o último, óh como já está. Nego vai me pegando: “Não, eu devolvo” [risos] Aí vai, me acaba com tudo. Eu encontrei esse, tem muitos que eu não estou nem encontrando. Esse aí, já é um debate interessante que é mais político. E aí o seguinte, o que que se passa nesse intervalo, há, realmente quando eu sei, eu soube dessa mudança, por exemplo, do saúde coletiva e do DMP, para mim era um esquema de poder, tipicamente, nada mais que me formasse, umbilicalmente do que isso. Porque o processo, nós, eu me lembro, na época, já estava fora, houve o debate, eu formulei, eu não me lembro essa passagem, quer dizer, eu não me lembro se eu estava saindo, se não estava, porque era o seguinte, porque que não reúne todos os interessados na universidade de saúde coletiva, e abrimos o debate [...] porque não?

TF: Aí você está falando de saúde coletiva?

LF: É, sim, a saúde coletiva?

TF: Mas não de preventiva?

LF: Não, eu estou de falando, a situação ainda da preventiva, porque eu falei: porque essa passagem miraculosa? Um departamento se transformar em unidade da universidade? Esse é um problema e sem passar pela Faculdade de Medicina. Então é o seguinte, é uma coisa estranha porque o jogo é uma questão com o reitor que era uma figura boa, amiga minha e tal, que ele atrás de apoio, atrás de apoio, ele foi abrindo essas facilidades. E segundo este é um processo que não pode ser de voto aqui, interno. Dentro da, esse é um processo de todos da saúde coletiva, que aí vem a ideia do coletivo [...] o coletivo não entendendo como particularidades, o particularismo, que ali era um particularismo. Vamos nos transformar e depois transformado vamos quem quer vir, ou nós selecionamos para vir. O nascimento é complicado. Segundo a perseguição que fez com os que não queriam, mais complicado ainda. Por isso você vai entender a minha expressão, se é lá no coiso, eu não vou. Não é por medo não, é porque eu não vou botar meus pés lá. Então este é processo que foi se armando com a competência de seu fulano, de seu beltrano, isso aí eu não quero discutir, nem ver, não conheço nem hoje a metade, não quero nem conhecer. Me dou, cumprimento, falo, coiso, mas para mim, houve o que acabou, o que nós já estávamos anunciando antes, não literalmente falando. Os caminhos se perderam. Os caminhos que eu falo da nossa reconstrução, da nossa capacidade inovadora, de um processo que foi diferenciado de qualquer lugar, inclusive, na Bahia se distinguiu. E esse racha, no sentido político, acontecia como, você ia para assembleia. Invariavelmente, o Instituto de Saúde Coletiva descia integral, para defender a posição do *establishment* da universidade. Qual é o poder do *establishment*? Não greve, [risos] não greve, invariavelmente. Todos juntos, enfileirados nas últimas filas, quando tinha entrada por cima na assembleia. Levantavam do mesmo jeito, do mesmo jeito. Não havia mais princípio, princípio eu estou falando constituído, elaborado, praticado, criticado, avançado, reformulado, mas crescendo dentro de um nível de coerência mínima e de identidade. Isso se perdeu, isso se perdeu. Que foram as pessoas tendo confronto, um grande confronto, ficou a briga entre os que querem ficar, que é um direito inalienável, os outros queriam tirar e a articulação que foi feita por cima com o reitor e com outros grupos de força política dos *establishment*, que comandavam um pouco a universidade, mas para ai, mas eles nunca foram discutir esse tema, nunca foram participar da lutas universitárias. Nos momentos piores, inclusive, da universidade, só iam na votação. Então a mesma posição eterna de dizer, não contra a greve, que eram os segmentos, mas que estavam se adaptando a algo que aconteceu no Brasil inteiro. Você

vai ver toda a universidade, houve essa quebra que é consequência de um acordo maior que eu falei rapidamente sobre ela, esses processos então, é [...]

TF: Mas esse acordo maior, é só entendo seu ponto de vista. Esse acordo maior, era [...] os grupos que têm um pensamento, na universidade, diferenciados? E se a gente pensar [...]

LF: Não, eu não disse pensamentos diferenciados, grupos de poder da universidade.

TF: Tá.

LF: Diferenciados num sei de quê.

TF: Tá.

LF: Mas é, repare bem, para ficar claro. Ele se envolveu com os grupos, são grupos, os nomes que eu chamo, são grupos econômicos, são grupos privatistas da universidade, os grupos de pesquisa, mas que produzem pesquisa e ganham dinheiro, vão ganhando dinheiro, ganhando dinheiro. Não estou dizendo que os que lá estavam ganhavam dinheiro ou não, isso não interessa. Mas o grupo da universidade ganhava muito dinheiro, tinha gente que recebia 40, 50 por mês, isso é conhecido na universidade toda. E aqui o meu livro, inclusive, é o grande coiso que já tinha escrito, coisa, e meu livro tem o grande debate sobre o que se chama privatização por dentro, interna, da universidade brasileira. Que na época de [Fernando] Collor, que nego dizia: o Collor vai privatizar a universidade. Era 90, era a mesma época, você vê? Sempre ali. Ai, eu dizia: não vão vender, o passivo trabalhista é enorme, ninguém vai querer comprar isso, um passivo trabalhista. Segundo, é um negócio monumental, uns prédios caóticos, essas coisas, é uma fortuna. E segundo que uso eles vão ter disso? Privatizar, quantos vão entrar, naquela época. E aí, ficou um negócio, e era complicado, a privatização da universidade em bloco. E eu dizia: não, a privatização da vai ser por dentro, porque ela já está existindo, aí eu dava o sentido a isso, a venda de serviços de estágio, dessas coisas todas, de extensão, de programa de extensão, tudo. Tudo isso já está. E os grandes pesquisadores da universidade estão ricos. Mas ricos não porque [risos] disputam igual aos outros, os mesmos salários, nem lutam por salário. Eles estão ricos porque eles estão vendendo o bem público, e é uma venda do bem público. Não tem outro nome, porque ninguém tem esse direito de vender o bem público. Então o seguinte, eu estou dizendo que é o debate que eu enfrentei na universidade, mesmo depois de aposentado, eu

enfrentei esse debate até pouco tempo. Eu sou logicamente, imagine, eu buli com a essa seara, que são poucos, mas tinha uma estrutura de poder. E tinha uma escola, Administração tinha uma escola. O ISC era uma escola, que fechavam sempre para um acordo muito por um outro ângulo. Com diferenças aqui, ali, era a Administração, o CS, que é a coisa. Era isso, a Engenharia, Engenharia, tinha a Geociência, tinha uns grupos aqui, que já eram conhecidos. E tinham os de modernidade faziam os discursos pra lá e pra cá da modernidade, era a Comunicação, tinha o discurso da Escola de Comunicação. Tinham os grupos, então você via um debate, então todos se aliavam contra os que se chamavam da esquerda. Tinha o “porra louca”, tinha isso, tinha aquilo. Tinha tudo, é óbvio, mas tinha gente pensante, intelectual, muito bom e tal, que ia lá para o debate. Mas eles só viam o seguinte, quando reuniam todos, vinham todos, inclusive, o ISC ia, sentavam todos na mesma fileira. Não discutiam e ali se pronunciava contra a greve, contra isso, contra aquilo. Até o reitor eleito foi o grande debate [risos] que eu já vi na minha vida. Eu já estava aposentado, mas me chamaram, nós discutimos, aí eu propus o nome de uma figura, que é um homem sério, economista de peso. Tanto que ele trabalha com os economistas todos, melhores brasileiros, argentinos, ele trabalha com esse grupo e tal.

TF: Quem é?

LF: Luiz Filgueiras, Luiz Filgueiras, você conhece?

JN: Já ouvi falar.

LF: Luiz Filgueiras, é uma figura ótima, figura de combate e tal, vai e ao mesmo é acadêmico, produz as coisas, faz tudo, mas também, ao mesmo tempo, está na assembleia dos professores discutindo, formulando ideias e tal. E ele, eu indiquei, falei: rapaz vamos pegar Luiz Filgueiras, que ele tem um pé na assembleia e todo mundo vai conhecendo ele, que ele é luta, e também tem um plano acadêmico, é um professor de respeito dentro da universidade. Ele trabalha, ele faz tudo, é DE, essas coisas todas. Então vamos juntar isso, e tal e tal e tal e vamos, é político, tem uma posição política ótima e tal. Aí todo mundo aceitou e ele foi candidato, e ganhou a eleição, de última hora, ganhou a eleição. O ISC e outros tantos foram pra assembleia para dizer, que não precisava ser o primeiro colocado, foi o primeiro colocado. E a luta do movimento social, histórica, é o primeiro colocado, que os movimentos deveriam lutar por isso. Acabou eles sendo contra pra não

deixar, e acabou sendo Eunir Rocha que era daqui da Medicina, que era o terceiro colocado, uma figura conservadora. Porque eu estou dando esses exemplos, pra você ver, todo o arco veio a partir de lá, foi a década de 80, não sei, mas reconheci 90 como estrutura, dessa, da briga da saída, eu já estava saindo antes, tinha saído. Eu passei pouco tempo lá, mas esse processo é um processo sério. Eu não estou dizendo que as pessoas não são produtivas, num fazem trabalho legais, bacanas. Não tenho problema, problema nenhum. Meu único problema, é que um projeto não foi escolhido por outro, entrou numa visão pragmática de poder, fundamentalmente, de poder. Não vou dizer que não tem outras coisas, é óbvio, tem umas pessoas bem formadas, também coisa e tal. Mas foram por uma onda, mais cômoda possível, desde o início da sua história. Qual foi? A obediência a Rockefeller. Ruptura houve, mas passou anos, a Rockefeller mandando no mestrado, por isso que eu contei a história. O segundo momento, é quando a gente faz, renova, foi um momento de grande [...] porque era um debate aberto, coletivo, escancarado, assumido. E que é o mesmo, se você ver o Sérgio Arouca falando, saúde, social aquela coisa toda. Cecília Donnangelo, lá de São Paulo, que eram as pessoas mais embaçadas da época, professor Guilherme Rodrigues, você vai ver que tudo lá nos princípios do mestrado, e na absorção dos professores, não todos mas da maioria, os silenciosos sempre existe que negam mas não falam e, do alunado que estava chegando, maravilhado com o momento de crise, vendo alguma coisa aparecendo de novo. Novo, não de novo, novo, algo novo. Então, este é o grande o problema que foi [?], daí eu não me interessei mas nunca pra saber o que eles fazem. Já estava aposentado, estava fora, fui pro meu campo de batalha ainda [...]

TF: Você se aposentou quando, hein?

LF: 99, parece. Eu me aposentei por tempo, perdi dois anos, não lembro. Você podia, não sei se ainda pode aposentar. Que não trabalhei fora viu? [risos] Eu me aposentei por uma única razão, que quando eu voltei o Departamento de Psiquiatria, ali era um mausoléu. O pessoal só discutia a clínica privada [...]

TF: Você saiu para ser deputado fala um pouco, dessa tua experiência como deputado, tudo mais [vozes sobrepostas]

LF: Olha, eu fui deputado, o que que eu fiz aí de deputado da vida, da minha vida. Primeiro, eu assumi logo a presidência da Comissão de Saúde. Foi aí que eu abri, um grande debate, e abri nacional, e depois eu aprofundei isso, articulei e etc., para fazer um

grande, foi o Parlamento da Saúde. Tinha senador, deputado federal, deputado estadual [...]

TF: O Parlamento da Saúde foi instalado?

LF: Foi instalado, foi instalado. Foi um deputado federal na época até que ficou ele e um senador, que eu me esqueço o nome, que é um médico inclusive do Sul, é [...] nós começamos a funcionar já próximo da Constituinte, inclusive, nós funcionamos. E, e... havia debate, havia recomendações, havia propostas e tal. Mas depois ele se esvaziou, eu não posso dizer porque, não sei se foi a ruptura que passou a haver no Parlamento Constituinte, ali mudou muito o quadro porque numa época, já era a grande maioria, já era o pessoal, todos a favor, a maioria, da queda da Ditadura. E você vai ter aí, tinha, nesse tempo, tinha, tinham vários, e tinha um outro órgão que depois tomou força, aliás na Constituinte foi um outro, que eu também fui presidente da associação [...] associação, ô meu Deus, está vendo? O tempo passa, associação dos secretários de saúde, dos secretários de saúde.

TF: Na CONASS.

LF: Na CONASS, Conselho Nacional.

TF: Conselho Nacional.

LF: Eu fui presidente. Não, mas eu criei antes o parlamento.

TF: É, então.

LF: Que eram só parlamentares, não era executivo.

TF: É no CONASS [...]

LF: Já existia, certo? Eu fui escolhido, aí vinha a articulação nacional, é [Sergio] Arouca era o secretário, na mesma época, no Rio, mas Arouca não queria, então, eles caíram que fosse eu articulado [...]

TF: Mas aí, você já era secretário de saúde da Bahia?

LF: De saúde da Bahia, no final de 87, eu fui de 87 a 89.

TF: Porque que você foi parar na secretaria? Tem um pedaço da sua vida que a gente tem que vasculhar. [risos] Você teve todo esse momento da universidade e depois você teve este momento da [...]

LF: Do Parlamento, mas eu voltei.

TF: Do Parlamento que era com [...]

LF: Na década de 80, 82 a 90.

TF: Que era como a tua vida, já na secretaria, como um homem público, digamos assim, na secretaria de saúde [...]

LF: A secretaria, já entro no final do segundo mandato, quer dizer, entrei no segundo mandato, Waldir Pires me chamou [...]

TF: Isso, isso.

LF: Aí já havia uma posição nacional para que fosse aqui, Waldir já se dava com o movimento nacional por conta da Previdência Social, antes de ser governador ele foi ministro da previdência. O INAMPS, o papel do INAMPS nessas coisas. Hésio Cordeiro, foi ser presidente do INAMPS, que Waldir pediu que eu indicasse, eu não indiquei um baiano, se quer, para não ser corporativo eu era deputado, mentira. Eu entrei em contato com o movimento, com as pessoas, com Arouca, na época, Arouca ainda era vivo, eu liguei para as pessoas, rapidamente, falando que eu precisava com menos de 48, na previdência, aí eu dei, nós saímos com o nome de Hésio [Cordeiro] pelo Rio e Guilherme Rodrigues por São Paulo, para serem presidentes do INAMPS. Aí Waldir, preferiu Hésio porque o pessoal do Rio, que tinha os deputados progressistas colegas de Waldir desde a época, atrás das grandes lutas com João Goulart, aquelas coisas todas, o pessoal estava pressionando ele, para poder ele fazer pressão junto ao [José] Sarney, para abrir espaço para o Rio de Janeiro, as forças progressistas do Rio, ou a esquerda do Rio, progressista. E aí ele chegou, nomeou Hésio com um cargo alto, pelo Rio de Janeiro. E aí num segundo momento ele me pediu, me ligou, estava no interior como deputado e tal. Aí ele me pediu isso coisa, isso antes era deputado antes de ser secretário. Ai, ele me ligou para pedir, para eu indicar uma pessoa para ser assessor especial dele, do ministro, mas para área de saúde. Aí também, voltei ao pessoal discutimos, e apresentamos aquele de Montes Claros [...] o meu [...] foi deputado federal, eu vejo a cara das pessoas e me

esqueço o nome.

TF: É, também tenho isso.

LF: Não, você não está velha assim como eu.

TF: [risos] Não, mas eu perco também, faço uma confusão.

LF: Como é que era meu Deus [...] não, porque eu não vejo esse pessoal [risos] há mais de 10, 15 anos. Porque eu não leio, não vejo mais nada. E ele [...] ele foi o coisa.

TF: É o Santana?

LF: Não é Santana não. Ele é Saraiva.

TF: [José] Saraiva. Está vendo então, isso acontece.

LF: Saraiva. Pegou Saraiva que era do movimento, pegou Hésio que era do movimento da Reforma Sanitária, nós encaixamos lá no ministério. Que tinha um peso na saúde, nas decisões. Então, esse era um processo. E o pessoal desde então, quer dizer, eu tenho relações com eles, a maioria, hoje mais não porque eu saí naquela época lá, fui deixando esse espaço. Mas o processo é que tinha essa efervescência e tal. Eu na época, quando presidente do CONASS, Arouca e outras pessoas fizeram o movimento para eu ser o presidente do CONASS, eu fui durante 2 anos, foi durante 2 anos. Tanto que eu peguei a Constituinte, eu então peguei a Constituinte. Que Arouca não estava certo se ia ficar ou não, acabou saindo, inclusive, lá no Rio ele pediu afastamento ao secretário. E aí, essa coisa já era uma articulação do movimento, que nós já estávamos atuando para dentro da Constituinte. Quando eu fui deputado, eu já atuei em outro tempo, anterior, com a questão do parlamento pelo executivo. Eu já estava articulando nacionalmente. Então foram articulações que eu sempre fiz na minha vida, em qualquer espaço meu. Sempre as coisas de ir, de ir para a coisa coletiva, coisa de amplitude. Os fatos é que vão gerando suas composições e tal. E nos casos que nós fizemos do coisa, ao contrário, foi entrando para um particularismo, cada vez maior, cada vez maior. E ela perdeu o *time* que era a grande coisa de movimentação de estudantes, que nós fizemos para lá, ia ser para saúde coletiva, para o instituto e tal, se fosse feito com todas as escolas o debate que eles topariam. Mas eles preferiram, por uma questão de poder, ir direto pelo reitor, feito um novo instituto que só eles participavam, e a partir daí eles escolheram os dirigentes desse

instituto e foram convidar as pessoas, ninguém quis ir, na época, não sei hoje, os que já eram professores, pelo menos. O processo ficou, portanto, com uma coisa aí, o movimento perdeu perspectiva aqui, e não é só por causa disso não, nesse intervalo nós criamos vários grupos, associações que nascem em 70 tem essa coisa, não foi só essa, a Associação Psiquiátrica começa, tinha o CEBES, evidentemente, tinham uma associação de [...]

TF: Abrasco.

LF: Abrasco surge depois eu acho.

TF: É.

LF: Associação de Saúde Pública, os profissionais de saúde pública, foi criada aqui. E a Associação Baiana de Medicina que entrou no debate porque nós formulamos de [...] porque o sindicato não dava, estava complicado o Sindicato dos Médicos e tinha mais anos para esperar. Então nós pensamos que é uma esfera sempre da medicina liberal, dos catedráticos, os professores titulares aqui na Bahia tomaram essa coisa, e aí nós formulamos fazer a, participar da eleição da ABM, porque ela tinha em todo o Estado, tinha tudo, tinha revista, tinha jornal, e nós ganhamos com 3 pessoas comunistas.

TF: Eu vou [...]

JN: É.

LF: A gente vai ter que interromper, infelizmente.

JN: É, Infelizmente.

TF: Professor a gente vai continuar essa entrevista porque está espetacular [vozes sobrepostas]

LF: Querem fazer agora? Tô na ordem. Nós podemos sair e sentar em algum lugar [...]

TF: Desliga aí, é muito chato. Vamos?